



international arts festival

europalia.brasil

 international arts festival
europalia.brasil



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministra de Estado da Cultura

Anna Maria Buarque de Hollanda

Ministro das Relações Exteriores

Embaixador Antonio de Aguiar Patriota

Embaixador do Brasil na Bélgica

André Mattoso Maia Amado

Chefe do Setor Cultural

Hugo Lorenzetti

COMITÊ NO BRASIL

Comissário geral

Sérgio Mamberti

Diretor executivo

Marcelo Otávio Dantas

Coordenação geral

Myriam Lewin

José do Nascimento Jr.

Representante do Ministério das Relações Exteriores

Joaquim Pedro de Oliveira Penna

Representante do Ministério da Cultura

Martha Mouterde

The background is composed of three distinct geometric regions: a yellow rectangle on the left, a purple right-angled triangle on the top right, and a yellow rectangle at the bottom. The text 'ARTES VISUAIS' is centered horizontally across the middle of the image, overlapping the yellow and purple areas.

ARTES VISUAIS


O Festival Europalia. Brasil celebrou a cultura brasileira em toda a sua diversidade e criatividade. O Ministério da Cultura do Brasil uniu-se ao Europalia Internacional, entidade organizadora do Festival, para apresentar o melhor da produção artística brasileira em museus, centros culturais, teatros e salas de concertos da mais alta qualidade e reconhecimento na Bélgica, Holanda, Luxemburgo, França e Alemanha. O Programa brasileiro levou ao coração do continente europeu um contingente expressivo de obras, artistas, intelectuais, pensadores e mestres da cultura popular, selecionados por curadores brasileiros, com um olhar próprio sobre a arte e a cultura de nosso país.

A programação do Festival teve o intuito de situar a cultura brasileira no contexto global, desnudando, por intermédio da arte e do pensamento, nossa história, nossa alma e nossa visão de mundo em toda a sua essência e contemporaneidade: heranças do passado, vivências do presente e reflexões sobre o futuro capazes de refletir a imensa riqueza de nossas matrizes culturais e a força inovadora da miscigenação e do sincretismo, surgida da convivência – por vezes tão dolorosa e sofrida – entre os povos que contribuíram para a formação da sociedade brasileira.



O Festival Europalia.Brasil, por sua magnitude, abrangência e relevância estratégica, mostrou-se o mais importante evento cultural internacional promovido pelo governo brasileiro desde o Ano do Brasil na França (2005). Basta lembrar que, para as 16 exposições financiadas pelo governo brasileiro, foram solicitadas e deslocadas cerca de 2.600 obras de arte, das quais 812 eram obras tombadas pelo patrimônio histórico, esforço que configurou a maior saída temporária de obras de arte da história de nosso país. Demais, cabe lembrar que a inauguração do Festival, ocorrida no dia 4 de outubro de 2011, coincidiu com a realização, em Bruxelas, da Cúpula Brasil-União Europeia. A presidente Dilma Rousseff procedeu à abertura solene do evento, juntamente com o rei da Bélgica e os presidentes da Comissão Europeia e do Conselho Europeu.

Com suas 16 exposições financiadas pelo governo brasileiro e mais outras oito financiadas diretamente por parceiros belgas; com seus 554 eventos de música, dança, teatro, literatura, audiovisual e circo; com sua mobilização de mais de mil artistas; e com sua abrangência de cinco países e 71 cidades, o Festival Europalia.Brasil atingiu, em seus 104 dias, um público direto de 1 milhão de pessoas e um público indireto estimado em cerca de 10 milhões de cidadãos europeus (via jornais, rádio e televisão). Os benefícios para o Brasil em termos de imagem no exterior, promoção de sua cultura e projeção de seus interesses internacionais foram incalculáveis. Esta ação do Ministério da Cultura corresponde a papel de país em voga no cenário internacional que o Brasil ocupa atualmente. Nosso desafio consistiu em mostrar que tais atenções vão além do modismo passageiro, e que o Brasil se tornou de fato um protagonista no plano da reflexão e da produção cultural. As exposições e os espetáculos que apresentamos refletiram precisamente a diversidade e a complexidade de nossa cultura, guiando o público à descoberta de um Brasil profundo e sofisticado, mas sempre aberto à transformação criadora e ao diálogo com o mundo que nos cerca.



Realizado de outubro de 2011 a janeiro de 2012, o Festival Europalia dedicado ao Brasil levou ao centro da União Europeia o melhor da produção artística e intelectual brasileira, desde as etapas formativas da nação até seus aspectos mais contemporâneos.

Mais de 70 cidades de cinco países – Alemanha, Bélgica, França, Holanda e Luxemburgo – puderam travar contato, em muitos casos pela primeira vez, com a arte e a cultura do Brasil, nos campos da música, do teatro, da dança, do circo, do cinema, da literatura e das artes visuais.

Dos índios da aldeia Mehinaku, habitantes da Reserva Florestal do Alto Xingu, em Mato Grosso, até representantes da vanguarda musical paulistana; da mais inovadora arquitetura urbana até o mais tradicional samba de roda baiano, o mosaico de cores, formas, sons e movimentos do Brasil chegou à Europa em toda a sua complexidade e diversidade.

Ainda mais importante, buscou-se privilegiar, no trabalho de preparação e de execução do Festival Europalia. Brasil, não o olhar do estrangeiro sobre a cultura alheia – o olhar do exótico e da mera curiosidade – mas a cultura brasileira assim como vista e vivida pelos brasileiros, sejam eles artistas, intelectuais, escritores ou representantes do público em geral.

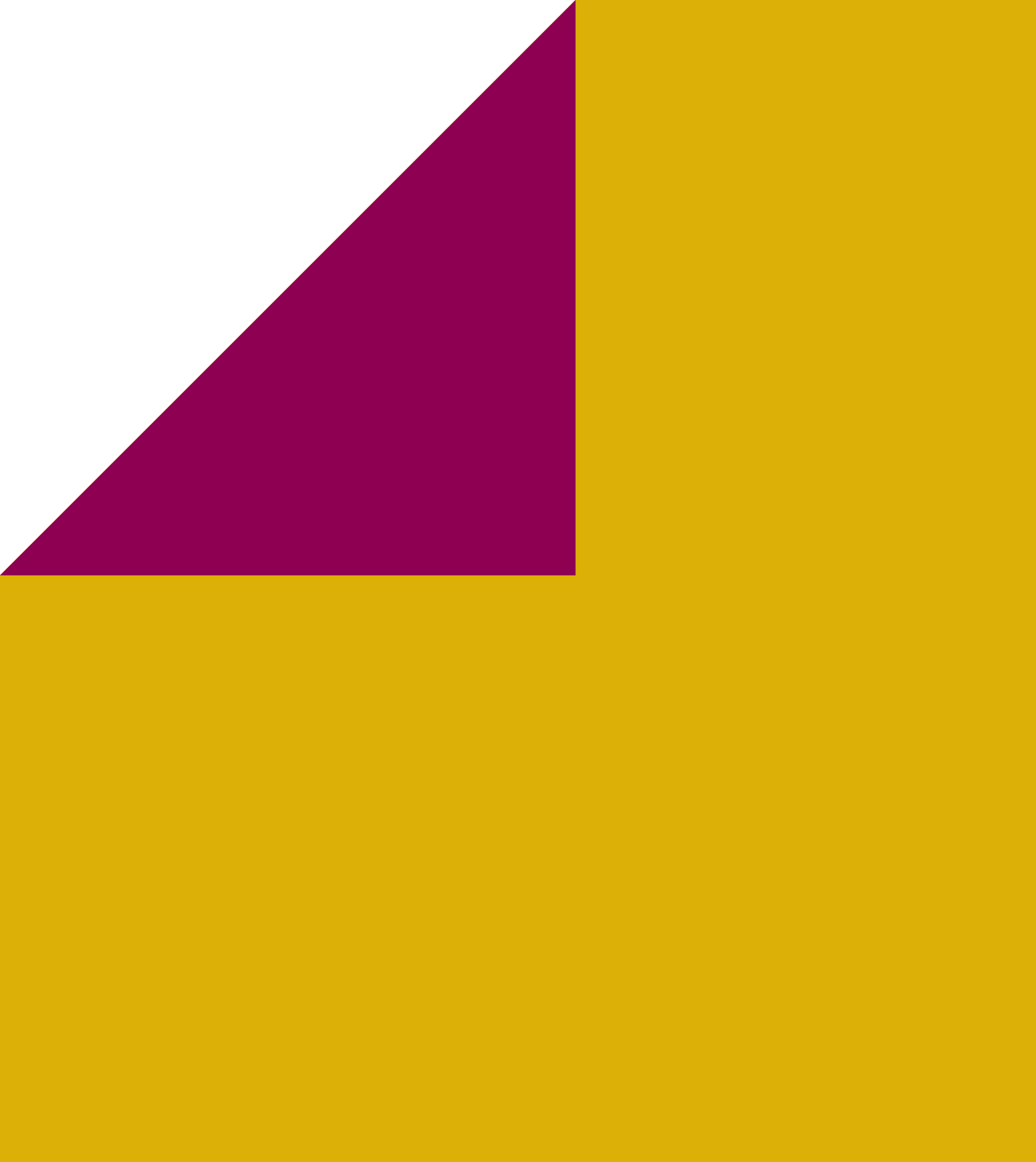
No momento em que aumenta o interesse do resto do mundo pelo Brasil, fruto de maior densidade da presença brasileira no cenário internacional, cresce também nossa responsabilidade de aproveitar a oportunidade da melhor maneira possível, dando à arte e à cultura seu mais profundo significado político.

A inauguração do Festival, que coincidiu com a realização, em Bruxelas, da Cúpula Brasil-União Europeia e contou com a presença da presidente Dilma Rousseff, do rei da Bélgica e dos presidentes da Comissão Europeia e do Conselho Europeu, foi simbólica desse momento vivido pelo Brasil, e do diálogo possível entre a grande política e o esforço de divulgação cultural no exterior.

Resultado de notável esforço de coordenação de diversas áreas do governo brasileiro, o Festival Europolia.Brasil contou, como não poderia deixar de ser, com o apoio decidido do Ministério das Relações Exteriores.

O sucesso da iniciativa, um dos mais importantes eventos de difusão cultural dos últimos anos, reflete também, nesse sentido, o continuado empenho do Itamaraty em prol da promoção de nossa cultura no exterior.

Com a publicação do presente catálogo, pela primeira vez o público, em especial o brasileiro, pode ter em mãos registro abrangente e detalhado do conjunto do Festival Europolia.Brasil, em todos os campos da expressão artística cobertos pela iniciativa, ao mesmo tempo prestação de contas e marco para iniciativas futuras.



AVale reconhece a cultura como uma grande ferramenta de valorização de um povo, de perpetuação de suas manifestações, costumes e crenças. Assim, nos transformamos em uma importante patrocinadora da cultura brasileira, associando nossa marca a projetos que utilizam a arte para sensibilizar e estimular a formação de plateias.

Somos uma empresa de recursos naturais com foco em mineração. Líder mundial na produção de minério de ferro e segunda maior produtora de níquel, estamos entre as principais produtoras de manganês, fertilizantes, cobre e carvão, atuando também em logística e energia. Somos mais de 180 mil pessoas, em 37 países, trabalhando com paixão para criar valor de longo prazo para as comunidades das quais fazemos parte e cuidando do nosso planeta.

A Vale tem orgulho de ter patrocinado o Europolia que, em 2011, celebrou a cultura do Brasil.

O Banco do Brasil, ao longo de mais de 200 anos de história, sempre esteve presente no dia a dia dos brasileiros, participando e apoiando as mais diversas manifestações culturais que expressam valores, costumes e o modo de agir de nosso povo.

Em 1989, para materializar o compromisso permanente com o desenvolvimento cultural de nosso país, foi inaugurado o primeiro Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro (RJ). Além da unidade carioca, foram instalados posteriormente outros dois CCBBs – em Brasília (DF) e São Paulo (SP) – e um quarto será inaugurado em Belo Horizonte (MG).

A atuação abrangente dos CCBBs, que contempla diversas áreas artístico-culturais – artes cênicas, cinema, exposições, ideias, música e programa educativo – a regularidade, o ineditismo, a diversidade e a qualidade da programação fazem com que suas unidades estejam bem posicionadas no ranking das instituições culturais mais visitadas no mundo.

O investimento do Banco do Brasil na cultura vai muito além dos projetos realizados nos CCBBs. Exemplo dessa diversidade foi o patrocínio do projeto Eurolalia.Brasil, que, em 2011, ilustrou a cultura do nosso país com a apresentação de exposições, orquestras, conjuntos musicais, folclore, teatro, dança, literatura, ciências, conferências, cinema, gastronomia e artesanato, de forma a oferecer ao mundo uma visão especial da arte brasileira.

Poder contribuir para a realização desse importante evento reforça o compromisso do Banco do Brasil com o desenvolvimento da cultura e da sociedade brasileiras como um todo.

Reconhecido internacionalmente por suas riquezas naturais, o Brasil surpreende a comunidade global cada vez que demonstra sua multiculturalidade. Muito além do famoso Carnaval, o país abriga manifestações artísticas diversas, com origem nas diferentes etnias que construíram nossa nação ao longo de sua história. Contribuir para que os europeus tivessem uma mostra de toda essa diversidade era o principal objetivo da Tractebel Energia ao apoiar o Europalia.Brasil 2011, em parceria com o Ministério da Cultura.

Ao longo de quatro meses, a comunidade europeia pôde conhecer um pouco mais da cultura brasileira em suas mais diferentes formas – da música à ciência, passando por manifestações como teatro, artes plásticas, dança, cinema, literatura, *design* e gastronomia, entre outras.

Estamos certos de que, durante o Festival, o Brasil exibiu toda a sua criatividade, personificada por artistas consagrados e novos talentos, representantes de sua cultura. Cultura esta que a Tractebel Energia valoriza e fomenta por meio de diversos projetos sociais desenvolvidos nas regiões em que atua. Hoje, a Companhia está presente em 12 estados brasileiros, onde opera 22 usinas voltadas para a geração de energia elétrica. No contato com a comunidade de cada uma dessas regiões, vivenciamos diariamente a riqueza apresentada no Europalia.Brasil 2011 e reforçamos nosso compromisso de colaborar para sua conservação e disseminação.



O FESTIVAL

DANÇA
TEATRO
CIRCO
CINEMA
LITERATURA
MÚSICA
EXPOSIÇÕES

04.10.2011 ▶ 15.01.2012

O Festival Europalia. Brasil fez de Bruxelas capital cultural brasileira entre 4 de outubro de 2011 e 15 janeiro de 2012. Durante 104 dias, uma seleção de obras e artistas de música, teatro, literatura, circo, dança, cinema e artes visuais brasileiros desembarcou na metrópole, sede da União Europeia, gradualmente construindo no imaginário dos belgas um painel representativo da riqueza, complexidade e diversidade da cultura nacional. A exposição do público europeu à cultura brasileira também se estendeu em um circuito que abrangeu outras 70 cidades na Bélgica, Holanda, França, Alemanha e em Luxemburgo, alcançando ao todo 1 milhão de pessoas diretamente e outros 10 milhões indiretamente.

No lançamento do Festival, em junho de 2011, a ministra da Cultura, Ana de Hollanda, anunciou, citando um verso do compositor baiano Assis Valente: "Chegou a hora dessa gente bronzada mostrar seu valor!". A promessa foi cumprida. Um balanço das atividades organizadas pelo governo brasileiro (houve ainda iniciativas lideradas pela Bélgica) produziu um panorama expressivo, só comparável ao do Ano do Brasil na França, em 2005, com 554 eventos de artes cênicas, música, cinema e literatura e cerca de mil artistas envolvidos. As artes visuais merecem destaque à parte. As 16 exposições de curadoria brasileira (além das oito produzidas pelos parceiros belgas) reuniram cerca de 2.600 obras de arte, das quais 812 tombadas pelo patrimônio histórico. Nunca antes tantas obras de arte históricas haviam sido deslocadas para o exterior para um só projeto.

Se a magnitude do Festival já seria suficiente para cativar as audiências mais sofisticadas, o interesse pelo Europalia. Brasil certamente foi intensificado por um contexto favorável. Os avanços sociais e o desenvolvimento econômico registrados no Brasil, particularmente na última década, e o crescente protagonismo do país no cenário internacional aguçaram o interesse pela nação na Europa. A imprensa europeia refletiu o impacto da onda brasileira, com títulos como "A metamorfose do Brasil" (*Le Soir*) e "Revelando o Brasil para o mundo" (*La Libre Belgique*).

Os títulos dos jornais são um indício de que, além de incentivarem e difundirem a cultura brasileira, eventos como o Europalia. Brasil também se constituem em um meio importante de projeção da imagem do país e de consolidação de relações internacionais entre o Brasil e outras nações, como resumiu, na abertura do Europalia. Brasil, em 4 de outubro de 2011, a presidenta Dilma Rousseff: "O diálogo que estabelecemos hoje é mais um passo no aprofundamento do conhecimento mútuo fundamental para a construção do mundo mais democrático, aberto e plural que todos queremos".

► O Europalia

O Brasil foi o primeiro país da América do Sul homenageado pelo Festival Internacional de Artes Europalia, um dos principais eventos culturais da Europa. Criado em 1969, o Festival tem caráter multidisciplinar e se realiza a cada dois anos na Bélgica e em nações vizinhas sempre com o objetivo de promover e divulgar a riqueza da cultura do país convidado.

Inicialmente devotado apenas aos países europeus, o Europalia posteriormente ampliou o foco para as demais regiões do globo e, nos últimos anos, tem se dedicado aos BRICS – bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Assim, depois da Rússia (2005) e da China (2009), o Festival elegeu o Brasil como o país homenageado de 2011. A Índia será o tema do Europalia em 2013.

A direção do Festival fez o convite ao Brasil em visita a Brasília, em julho de 2009. Em 4 de outubro do mesmo ano, foi assinado um protocolo de intenções durante visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Bélgica. Em 20 de maio de 2010, foi a vez de o príncipe herdeiro da Bélgica, Phillipe, vir ao Brasil – ocasião em que o ministro da Cultura, Juca Ferreira, e o embaixador belga, Claude Misson, firmaram acordo definindo responsabilidades na organização do Festival.

No segundo semestre de 2010, formou-se um grupo de trabalho provisório, que daria origem em novembro ao Comissariado Brasileiro do Festival Europalia, chefiado pelo secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura, Sérgio Mamberti, e integrado também por representantes do Ministério da Cultura, do Ministério das Relações Exteriores, Fundação Nacional das Artes (Funarte) e Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). O grupo teve ainda apoio da Embaixada do Brasil em Bruxelas. Do lado europeu, foi designado comissário-geral um conhecedor do Brasil: o ex-presidente da Volkswagen do Brasil, Pierre Alain de Smedt, hoje presidente da Federação de Indústrias da Bélgica. Kristine de Mulder, coordenadora do Europalia Internacional, assumiu a diretoria executiva.

Nos meses seguintes, o Comissariado teve como tarefa a formação de uma equipe de curadores responsáveis pela seleção de obras, artistas e espetáculos para integrarem as diversas áreas do Festival, definidas como música; artes cênicas (dança, teatro e circo); literatura; cinema e artes visuais. Para compor o grupo de trabalho, seriam escolhidos profissionais que, além de reconhecidos pelo domínio das diversas artes envolvidas, também tivessem experiência na organização de eventos internacionais.

O artista plástico Adriano de Aquino, com sua experiência como secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e diretor de Artes Visuais da Funarte, foi designado curador-geral. Para a curadoria de música, foi nomeado o compositor e intérprete Benjamim Taubkin, enquanto a seleção de teatro, dança e circo ficou a cargo do produtor João Carlos Couto. Ambos são conhecidos nacionalmente por sua atuação como coordenadores de eventos culturais. Para as demais curadorias, o Comissariado elegeu integrantes da estrutura do Ministério da Cultura. No caso da literatura, foi indicada a pesquisadora Flora Süssekind, da Casa de Rui Barbosa; em cinema, a equipe da Cinemateca Brasileira, tendo Vivian Malusá e Carlos Magalhães à frente.

Com sua experiência como artista e gestor no campo das artes visuais, o curador-geral indicou ao Comissariado um curador especializado no tema de cada exposição. Também houve a participação de dois especialistas europeus nas exposições Índios no Brasil e Terra Brasilis.

Cada um dos curadores atuou de maneira autônoma segundo as linhas gerais estabelecidas por Adriano de Aquino, que se preocupou em garantir a coesão e a complementaridade do programa. O curador-geral acompanhou de perto as atividades da área das artes visuais, em que trabalhou com os curadores de cada exposição na elaboração de projetos específicos.

► A proposta

Ao decidir aceitar o convite para participar do Europalia, o governo brasileiro viu na iniciativa uma oportunidade para atingir vários objetivos: promover a imagem do Brasil na Europa, com a valorização da cultura brasileira nos seus muitos aspectos e gêneros; ampliar o diálogo com a União Europeia, fortalecendo relações em áreas como turismo, educação, novas tecnologias e comércio, cujas atividades apresentam grande interação com o setor cultural; e gerar novas oportunidades para os artistas brasileiros, com a abertura de mercados, o estabelecimento de intercâmbios, o fomento à criação artística e o incentivo à participação em festivais, mostras e feiras internacionais.

Desde as primeiras discussões sobre o projeto, foi definido que a atuação brasileira no Festival seria orientada por linhas estratégicas, a serem adotadas pelos curadores e por toda a equipe. O primeiro desses princípios foi garantir a apresentação de um painel da cultura brasileira capaz de representar o vigor, a complexidade e a profundidade da história e da cultura brasileiras, sem o recurso a clichês e banalizações que ainda são, muitas vezes, associados ao país no exterior. Outro esforço foi evitar a concentração excessiva em uma ou mais regiões do país, incorporando às obras e aos grupos selecionados representantes das diferentes áreas do Brasil, com suas distintas tradições e linguagens.

"Esse Festival é uma janela de oportunidades para contatos com o público, com curadores e instituições culturais europeias. Um dos meus objetivos é oferecer às organizações internacionais de arte e cultura uma grade de artistas e curadores mais aberta, desvinculada dos interesses de indivíduos ou grupos. Mais artistas e curadores brasileiros atuando no cenário europeu, difundindo nossa arte, é melhor para todos e bom para o país", disse Adriano de Aquino em entrevista em março de 2011.

► Os projetos

A diversidade foi a base sobre a qual foram desenhados os projetos setoriais de todas as linguagens apresentadas no Festival Europalia. Brasil. Assim, a curadoria de música, de Benjamim Taubkin, se propôs a apresentar exemplos da produção de cada região, abrangendo a música tradicional, popular, pop, eletrônica, erudita, contemporânea e instrumental. Outra diretriz importante foi não incluir apenas os artistas já reconhecidos pela mídia: grupos e propostas menos consagrados também seriam selecionados.

No campo das artes cênicas, o curador valorizou manifestações populares – em grupos tradicionais de maracatu, frevo e samba de roda, entre outras – e o diálogo dessas expressões com o teatro e a dança. Conexões entre teatro e literatura, dança e artes visuais também ganharam destaque, pela riqueza das referências utilizadas e por sua capacidade de motivar o interesse pelas várias áreas temáticas do Festival. Por fim, João Carlos Couto buscou incluir linguagens, métodos e estéticas que construíssem uma identidade cênica essencialmente brasileira e selecionar companhias que trabalhassem em espaços não convencionais, renovando as relações entre palco e plateia, ou ainda que desenvolvessem projetos em comunidades de baixa renda, em projetos de inclusão social através da arte.

Em relação às artes visuais, o projeto de Adriano de Aquino desenhou 16 exposições, módulos que, considerados juntos, comporiam um panorama representativo de experiências, períodos e linguagens da arte brasileira. As mostras abrangeram a produção nacional da arte indígena à arquitetura, da fotografia à gravura, das pinturas e dos desenhos de europeus sobre o Brasil colonial e imperial à arte contemporânea, passando por joalheria, *design*, arte afro-brasileira, a singular obra de Artur Bispo do Rosário e representações de uma das mais famosas paisagens do Rio de Janeiro – Copacabana.

Responsável pela programação de literatura, Flora Sússekind articulou um conjunto de palestras, exposições e seminários sobre a produção literária e suas tensões com a sociedade brasileira, das questões de gênero à segurança pública. Como nas artes cênicas, valorizar a relação da literatura com outras artes, característica da multidisciplinar produção contemporânea, também foi uma orientação da curadoria, com o planejamento de performances e exposições de escritores que também atuam como artistas plásticos. A pesquisadora da Casa de Rui Barbosa preocupou-se ainda em oferecer diferentes experiências da literatura (com leituras, versões digitais de trabalhos e produção de antologias especiais para o evento) e em realizar seminários que motivassem o debate e a reflexão crítica. Na seleção de autores, a organizadora decidiu combinar escritores já traduzidos no exterior e conhecidos dos belgas com jovens poetas.

A equipe da Cinemateca Brasileira responsável pelo setor audiovisual decidiu dar maior destaque aos cineastas e aos títulos importantes na história da cinematografia brasileira, de visibilidade reduzida no circuito comercial internacional. Dos filmes silenciosos ao cinema *underground* da Boca do Lixo, passando pelo já clássico Cinema Novo, partiu-se da ideia de valorizar não só os diferentes gêneros e movimentos da história do cinema, mas também o papel de longas e curtas que tornaram visíveis a geografia e as múltiplas experiências de vida brasileiras.

Definidos os conceitos, os curadores e o Comissariado tiveram, em alguns casos, de superar dificuldades para implantar suas visões. A programação do Europalia é definida em parceria com os diretores das centenas de espaços utilizados: foi portanto necessário adequar as propostas brasileiras às expectativas belgas. A barreira linguística seria um fator importante nas decisões sobre a programação nos campos do teatro e do cinema. No campo da música, manifestação da cultura brasileira mais conhecida no exterior, havia demanda por artistas populares na Europa, vencida em nome de uma programação mais surpreendente. Na literatura, foi constatado um reduzido conhecimento sobre a produção nacional. Com muitas reuniões, trocas de mensagens e arquivos e muita conversa, foi possível construir um Festival plural, diverso e inovador nas suas propostas, que efetivamente contribuiu para renovar as percepções sobre a cultura brasileira.

► Preparativos

A missão do MinC em Bruxelas, entre os dias 20 e 22 de junho, liderada pela ministra da Cultura Ana de Hollanda, foi parte da preparação do Europalia.Brasil. Durante os três dias, a ministra, o embaixador do Brasil para o Reino da Bélgica, André Amado, e os curadores visitaram os principais locais em que seria organizado o evento. A ministra também participou de uma coletiva de lançamento do Europalia, à qual compareceram mais de 50 jornalistas. "Sempre fomos um país admirado no exterior pela força de nossa cultura. Hoje, no entanto, chegamos aqui com algo mais. Chegamos com a altivez de uma nação que está avançando nas conquistas sociais sem perder a delicadeza de seu espírito", disse a ministra.



O posicionamento encontrou eco em um dos principais jornais belgas, o *Le Libre*, que afirmou que o Europalia.Brasil seria a chance de o "gigante econômico" emergir também como "gigante cultural".

O conde George Jacobs, *chairman* da fundação que promove o Festival, comentou sobre essa expectativa na coletiva, no Palácio de Egmont, em Bruxelas: "O evento será ocasião para nós, europeus, conhecermos o Brasil para além da economia, para além dos estereótipos". A ministra complementou o raciocínio em um almoço oferecido pelo ministro das Relações Exteriores da Bélgica: "O Brasil consumiu a Europa por muito tempo, e esse processo culminou com a antropofagia modernista; agora, é a vez de os europeus nos consumirem".

Naquela época, o Commissariado estabelecia parcerias com a iniciativa privada para apoiar o financiamento do Festival. Vale, Tractebell e Banco do Brasil se tornariam as empresas apoiadoras do evento realizado na capital que sedia as instituições da União Europeia.

Em 18 de setembro, a abertura do Club.Brasil, no *Dynastie Hall* do *Mont des Arts*, centro de Bruxelas, serviu como prévia do que viria com a inauguração do evento. Num dia festivo, em que a Bélgica celebrava o Domingo sem Carro, batucada e capoeira ganharam as ruas. Localizado próximo ao Bozar e às principais exposições do evento, durante os meses que se seguiram, o Club foi um ponto de encontro e referência do Festival. No ambiente colorido e transformado pelas intervenções do seu idealizador, Marcello Dantas, era possível receber material de divulgação sobre o Brasil e sua cultura, assistir a atrações gratuitas e experimentar comida e bebida tipicamente brasileiras.

► A abertura

Bruxelas amanheceu enfeitada com as bandeirinhas típicas de festas juninas em 4 de outubro de 2011, data da inauguração do Europalia.Brasil. Referência tanto às festas populares quanto à obra de um dos principais pintores brasileiros, Volpi, a decoração simbolizava bem as características da 23ª edição do Festival internacional: a mistura de cultura erudita e popular e a festa como um aspecto importante da cultura brasileira.

A abertura oficial no salão nobre do Bozar, o Palácio das Belas Artes de Bruxelas, teve a participação do rei e da rainha da Bélgica, Alberto II e Paola. A cerimônia começou com o discurso do conde Jacobs de Hagen, presidente do Europalia International, que prometeu "mostrar que não existe apenas um Brasil, mas diversos Brasis, cuja cultura, desconhecida na Europa, é incrivelmente rica e diversificada". Logo depois, a ministra da Cultura, Ana de Hollanda, agradeceu a iniciativa belga: "Nenhuma cultura pode viver isolada. Para sermos ainda mais brasileiros, precisamos ser cada vez mais abertos e plurais".



Venham encontrar o Brasil que a Europa já conhece mas também o Brasil que ela ainda não vê. Terra da arte popular e erudita, tradicional e inovadora, do sertão e das periferias urbanas, de uma pujante indústria criativa.



Dilma Rousseff

Presidente da Comissão Europeia, José Manuel Barroso acrescentou à festa um depoimento pessoal. "Sinto-me, enquanto português, verdadeiramente emocionado quando estou em contato com as múltiplas expressões dessa riqueza cultural", mencionando criadores como o arquiteto Oscar Niemeyer e o compositor Antônio Carlos Jobim. Já Yves Leterme, primeiro-ministro belga, citou versos de Oswald de Andrade – "América do Sul/América do Sol" – e prometeu, numa alusão às dificuldades atravessadas pela economia europeia: "Não importa o que os próximos meses possam trazer, o inverno aqui será ensolarado".

A presidenta Dilma Rousseff foi a última a discursar no salão embandeirado do Bozar. Assistida pelo ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, Dilma citou a importância da cultura como agente de transformação da sociedade e descreveu a "rica diversidade étnica e cultural e nossa capacidade de conviver em paz nessa diversidade" como uma contribuição do Brasil para um mundo em mudança.

Ela continuou, lembrando a constituição da sociedade brasileira: "A diversidade cultural no Brasil integra nossas raízes históricas. Somos um país mestiço, no qual migrantes de todas as regiões do mundo somaram-se às três matrizes constitutivas do povo brasileiro: a indígena, a europeia e a africana, numa mistura que nos orgulha e define". A reflexão foi compartilhada pelo primeiro-ministro belga, Yves Leterme, que elogiou a rica cultura brasileira e a diversidade racial que compõe a população do país.

A presidenta anunciou que o Festival – um "esforço inédito estruturado de apresentação da cultura brasileira" – mostraria não só o patrimônio cultural e suas tradições, mas "a cultura viva, em movimento permanente". E completou: "Convido todos que queiram, sem preconceitos, a conhecer um pouco da reflexão do Brasil sobre si mesmo e sobre o mundo".

O grupo de percussão Barbatuques encerrou a solenidade com uma apresentação em que tocaram ritmos brasileiros usando os próprios corpos como instrumento. Nas ruas da capital, apresentações da citada cultura em transformação, combinação de tradição e modernidade, animaram a terça-feira dos belgas: bumba meu boi, teatro de rua e dança contemporânea marcaram o dia.

A agenda oficial e diplomática, no mesmo 4 de outubro, não se encerrou com a abertura no Bozar: foi inaugurada a 5ª Conferência de Cúpula entre Brasil e União Europeia, na qual a presidenta Dilma Rousseff comprometeu-se a intensificar a colaboração com os países do continente europeu para enfrentar os efeitos da crise financeira mundial. A ministra da Cultura, Ana de Hollanda, e a comissária para a Educação, Formação, Cultura e Juventude da Comissão Europeia, Androulla Vassiliou, assinaram um programa conjunto para ampliar o intercâmbio na área da cultura, com políticas públicas de promoção e proteção do patrimônio cultural e estruturação de políticas para o desenvolvimento da economia criativa, bem como o aprimoramento da cooperação em projetos audiovisuais. O programa foi discutido como parte da Cúpula em mesa redonda que reuniu a ministra Ana de Hollanda, integrantes da Comissão Europeia, representantes do MinC e gestores e empresários da Europa e do Brasil.

Nos dias anteriores e logo após a abertura do Europalia, muitos jornais e revistas europeus abriram espaço para o Festival. Alguns trouxeram títulos que pareciam assinalar o impacto da transformação da imagem brasileira, como os já mencionados "A metamorfose do Brasil" (*Le Soir*) e "Revelando o Brasil para o mundo" (*La Libre Belgique*), além de "O país que devorou a Europa" (*De Standaard*) e "Novas bossas e sambas de ontem e hoje" (*Le Soir*). As exposições, como Terra Brasilis e Brazil. Brasil, foram o maior destaque na imprensa mas, ao longo dos meses seguintes, shows, mostras de cinema e peças de teatro também tiveram visibilidade nos jornais e nas revistas do país.

► Mistura brasileira

De 4 de outubro de 2011 a 15 de janeiro de 2012, foram mais de três meses de shows, concertos, espetáculos de dança, teatro e circo, performances, exibição de filmes, debates, palestras e exposições. O público do Europalia.Brasil interessado em música pôde conferir uma extensa variedade de atrações, do choro de Mauricio Carrilho às batidas eletrônicas do DJ Tudo; do clássico erudito de Antonio Menezes ao clássico popular da Velha Guarda da Portela; de Egberto Gismonti a Tom Zé, entre 58 espetáculos.

Nas artes cênicas, houve lugar para Zé Celso Martinez Corrêa e seu Teatro Oficina e para Marcelo Evelin e o Núcleo do Dirceu; para o Grupo Corpo e Cena 11; para o Balé Folclórico da Bahia e a Intrépida Trupe, numa lista de 21 programas. No cinema, Eduardo Coutinho e Suzana Amaral estiveram entre os palestrantes, complementando uma programação que ia do silencioso clássico *Limite*, de Mário Peixoto, às obras de José Mujica Marins, o Zé do Caixão.

Em literatura, o programa contou com atuações de Augusto de Campos e Nuno Ramos, performances, lançamento de antologias e palestras de nomes consagrados, como Luiz Eduardo Soares e Sérgio Sant'Anna, que se alternaram com participações de jovens autores, como Ricardo Domeneck e Veronica Stigger.



Como uma viagem incomum ao coração da diversidade da Cultura brasileira, o Festival coloca em cena todas as práticas artísticas e os ícones do Brasil. Este país, que tem a reputação de estar constantemente em movimento e voltado para o futuro, tem o desenho de sua origem moldado na mistura étnica de seus diferentes povos.

France Soir, 18.11.2011

Por fim, as 16 exposições foram sucesso de público, com várias das mais conhecidas obras-primas das artes brasileiras, atraindo visitantes. Esculturas de Aleijadinho, quadros de Victor Meirelles, Portinari e Cícero Dias; obras de Hélio Oiticica, Lygia Clark, Cildo Merelias e Waltércio Caldas; os mantos de Bispo do Rosário, projetos de *design* e arquitetura, entre muitos outros trabalhos importantes, foram alguns dos itens admirados.

As matrizes indígena e africana, seminais para a formação da cultura brasileira, foram contempladas com mostras especiais. A herança dos escravos foi tema de duas exposições: Incorporações: arte brasileira contemporânea e Pérolas da Liberdade: joalheria afro-brasileira. A primeira valorizou a crescente participação de artistas de origem negra na produção contemporânea, incluindo homenagens ao fotógrafo Mario Cravo Neto e ao artista Caetano Dias. Já a segunda reuniu, além de adereços, fotografias, desenhos e pinturas para abordar o uso da joalheria por escravos africanos e sua influência sobre a indumentária no Brasil.

Uma das maiores do Festival, a mostra Índios no Brasil utilizou cerca de 400 peças para apresentar a cultura dos povos indígenas passada e atual. A cultura indígena também foi destaque no Europolia.Brasil com as apresentações dos índios do povo Mehinaku. Atração muito esperada, o grupo deixou a sua reserva no Alto Xingu para fazer apresentações em Bruxelas, Neerpelt e Amsterdam.

Em 15 de janeiro, o ministro interino da Cultura, Vitor Ortiz, o comissário geral do Europolia, Pierre Alain de Smedt, o embaixador brasileiro na Bélgica, André Amado, e o presidente da Funarte, Antonio Grassi, encerraram o festival. Ortiz entregou à brasileira Regina Barbosa, residente em Bruxelas, o certificado de premiação do Ponto de Memória do projeto MEBrasil – um ponto de memória, que pretende valorizar a cultura brasileira a partir dos fluxos migratórios para este país nos últimos 30 anos. "Esperamos, a partir de agora, outras cooperações". Pierre Smedt fez um balanço do evento: "Nenhum país fez um investimento tão forte em um festival como fez o Brasil, que mostrou que a imagem global da cultura brasileira é a diversidade". E concluiu: "A saudade, a emoção e o amor do país vão ficar aqui".

ARTES CÊNICAS

1. BALÉ FOLCLÓRICO DA BAHIA
2. BALÉ TEATRO CASTRO ALVES
3. CENA 11 CIA DE DANÇA
4. DANI LIMA+ALEX CASSAL
5. GRUPO CORPO
6. LIA RODRIGUES COMPANHIA DE DANÇAS
7. MARCELO EVELIN & NÚCLEO DO DIRCEU
8. MARTA SOARES
9. MEMBROS CIA DE DANÇA
10. MICHEL GROISMAN
11. MIMULUS CIA DE DANÇA
12. QUASAR CIA DE DANÇA
13. ANTÔNIO ARAÚJO & TEATRO DA VERTIGEM
14. CIBELE FORJAZ & MUNDANA COMPANHIA
15. ENRIQUE DIAZ & CIA DOS ATORES
16. GRANDE COMPANHIA BRASILEIRA DE MYSTERIOS E NOVIDADES
17. GRUPO GIRAMUNDO
18. INTRÉPIDA TRUPE
19. NAU DE ÍCAROS
20. PIA FRAUS
21. ROBERTO ALVIM
22. ZÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA & TEATRO OFICINA

LITERATURA

1. ALICE RUIZ
2. ARNALDO ANTUNES
3. AGUSTO DE CAMPOS
4. BEATRIZ BRACHER
5. BEATRIZ RESENDE
6. BERNARDO CARVALHO
7. CHICO ALVIM
8. DANIEL GALERA
9. JOÃO ALMINO
10. JOÃO UBALDO RIBEIRO
11. LOURENÇO MUTARELLI
12. LU MENEZES
13. LUIZ EDUARDO SOARES
14. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES
15. MARÍLIA GARCIA
16. NUNO RAMOS
17. ODILON MORAES
18. PAULA GLENADEL
19. RICARDO DOMENECK
20. SÉRGIO SANT'ANNA
21. VERONICA STIGGER
22. ZUCA SARDAN

MÚSICA

1. ACORDEÕES DO BRASIL - RENATO BORGHETTI
+OLIVINHO+LULINHA ALENCAR
2. ALESSANDRO PENEZZI & ALEXANDRE RIBEIRO
3. ANTONIO MENESES+MARIA JOÃO PIRES
4. ARNALDO ANTUNES
5. BARBATUQUES
6. BONGAR
7. BOTECOLETRO
8. CAITO MARCONDES - PASSARIM
9. CAMERATA ABERTA
10. CÉU
11. CHICO CORREA & POCKETBAND
12. CHORO PROJECT - MAURICIO CARRILHO
+TONINHO CARRASQUEIRA+RUI ALVIM+ANA RABELLO
+PROVETA+PAULO ARAGÃO+PEDRO ARAGÃO
+PEDRO PAES+AQUILES MORAES+MARCUS THADEU
13. CIDADÃO INSTIGADO+MAURO PAWLOWSKI
14. DJS CRIOLINA
15. DJ TUDO E SUA GENTE DE TODO LUGAR
16. DONA CILA E SEUS PUPILLOS
17. EGBERTO GISMONTI+ORQUESTRA CORAÇÕES FUTURISTAS
18. FAMÍLIA ASSAD - SERGIO ASSAD+ODAIR ASSAD
+BADI ASSAD+CLARICE ASSAD+CAROLINA ASSAD
19. FERNANDO SARDO+GEM+DAUU
20. GAFIEIRA 8
21. GUINGA
22. HAMILTON DE HOLANDA
23. HELDER VASCONCELOS & BOI MARINHO
24. HERMETO PASCOAL & SEXTETO
25. HURTMOLD
26. LETIERES LEITE & ORKESTRA RUMPILLEZ
27. MACIEL SALU
28. MARLUI MIRANDA
29. NANÁ VASCONCELOS
30. NOITE DOS VIOLÕES - FABIO ZANON+ULISSES ROCHA
+PAULO BELLINATI+ROGÉRIO CAETANO+DOUGLAS LORA
+JOÃO LUIZ LOPES+MARCUS TARDELLI+ODAIR ASSAD
31. PAULA SANTORO
32. PEDRO LUÍS E A PAREDE
33. PEDRO OSMAR & LOOP B
34. QUINTETO CHICO PINHEIRO
35. QUINTETO DA PARAÍBA
36. SAMBA CHULA DE SÃO BRAZ
37. SIBA E A FULORESTA
38. SILVÉRIO PESSOA
39. TATIANA PARRA 4TET
40. TERESA CRISTINA
41. TOM ZÉ
42. TOOTS THIELEMANS & AMIGOS - ELIANE ELIAS+IVAN LINS
+AIRTO MOREIRA+MARC JOHNSON+OSCAR CASTRO-NEVES
43. TULIPA RUIZ
44. UAKTI
45. VELHA GUARDA DA PORTELA
46. VIOLEIROS DO BRASIL - HUGO LINS+PEREIRA DA VIOLA
+IVAN VILELA+ADELMO ARCOVERDE
47. VJ MILENA SÁ+DJ DOLORES
48. YAMANDU COSTA+ROBERTO MINCZUK+ONB

CLUB.BRASIL
A RUA
BRAZIL.BRASIL
EXTREMOS
GRAVURA EXTREMA
ART IN BRAZIL (1950-2011)

ARTES VISUAIS

ÍNDIOS NO BRASIL
TERRA BRASILIS
BISPO DO ROSÁRIO
COPACABANA
PÉROLAS DA LIBERDADE
INCORPORAÇÕES



Espontaneidade, entusiasmo e alegria: o outro de nós

Ao longo da história da cultura do Ocidente, as representações da felicidade se associam a variados campos semânticos, ou seja, às distintas mudanças das significações conferidas ao tema. Nessas significações da felicidade, encontram-se ideias de acaso, contingência e fortuna; prazer, gozo e êxtase; bem-estar, conforto e prosperidade; e espontaneidade, entusiasmo e alegria. A perpassá-las como um fio condutor, por vezes esquecido ou denegado, está a compreensão de que a felicidade se traduz por experiências apropriadas ao uso da razão, ou seja, conscientes das consequências implicadas em trilhar um caminho atípico e singular, em que se constrói, passo a passo, voz própria, insubmissa às utopias semeadas pela tradição.

A cultura europeia, espreada no Brasil durante a colonização portuguesa, ofuscou a vida tropical com uma visão de mundo tributária de preceitos, como dor, humilhação, tristeza e melancolia. Tais preceitos, ainda que conformassem e tenham ajudado a erigir em terras coloniais um acervo artístico e intelectual de grande valor, requereram a vontade de construir algo que se mostraria capaz de reverter as premissas dominantes, dando origem a uma cultura inspirada na ousadia de se reinventar, sem com isso desprezar as próprias raízes históricas e étnicas.

Mais do que a geografia deslumbrante, a imensidão dos recursos naturais e as promessas de fertilidade e bonança foram o desejo e o empenho de trazer à luz algo ainda não descoberto, que moveram as vertentes construtivas da cultura brasileira, germinadas e, posteriormente, encorpadas nos anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial. Essas vertentes, divisadas pelos contrastes entre as feições rurais e urbanas da nação, interrelacionam-se nas artes plásticas, na arquitetura, na literatura, na música e no *design*, entre outras áreas, fronteiras de criação que visam investigar a própria atualidade, ou seja, o tempo em que se inserem e a capacidade de exercerem leituras do Brasil e do mundo.

Há sete décadas, muitos brasileiros têm se inspirado no intenso poder de contágio social oriundo de manifestações culturais fundadas, a um só tempo, na razão e nas derivações da busca de felicidade, rumo a um futuro sem dúvida incompleto, porém renovado pela força de viver. Em seu conjunto, os eventos, as exposições e os seminários apresentados ao público belga visaram descortinar o empenho da alma e do pensamento brasileiros na consolidação de suas contribuições aos campos da arte e do conhecimento no âmbito de um horizonte hoje global.

Nas artes visuais, na fotografia, na arquitetura e no *design*, o projeto Europalia.Brasil se estruturou de maneira a oferecer ao público uma abordagem da paisagem, da cultura, dos saberes e dos fazeres do povo brasileiro, formando um caleidoscópio da terra brasileira e de seu povo que, amalgamado às expressões artísticas e culturais e impulsionado pela alma e pelo pensamento locais, se singulariza, se identifica e é acolhido na aldeia global.

A intenção precípua foi a da abstração da ideia de tempo cronológico, estimulando, assim, a sensação da descoberta particular de um Brasil dinâmico, que permitiu ao visitante estabelecer conexões particulares e múltiplas perspectivas sobre o conjunto da mostra, oferecendo-lhe a possibilidade de fazer trajetos transversais e percursos randomizados.

Sendo assim, o projeto foi organizado em módulos, áreas de convergência de múltiplas experiências, períodos e linguagens da arte brasileira, apontando para a pluralidade e o dinamismo como marcas fundamentais de nossa cultura; e em núcleos, que apresentaram singularidades artísticas que oferecem conexões com as diversas tendências estéticas processadas nos últimos 70 anos da arte brasileira.

Esta publicação reúne informações sobre as exposições concebidas e promovidas pelo Ministério da Cultura do Brasil. Observamos, porém, que o Festival Europalia.Brasil – por iniciativa, concepção e custeio da organização belga – promoveu também eventos paralelos na área de artes visuais, tais como as exposições Travelogues, Tintin et Milou chez les Arumbayas, Samba, Of Gold & Feathers e Circuito dos Diamantes.



CLUB.BRASIL

Porta de entrada do Festival Europania.Brasil, o Club.Brasil foi um espaço especialmente preparado para reunir informações, divulgar a programação e ser um ponto de encontro, com bar e restaurante, onde também aconteceram eventos musicais. Para tal, o pavilhão Dynastie Hall – situado no Mont des Arts, na região mais nobre de Bruxelas – sofreu uma intervenção artística atraente para o grande público.

A parte externa do edifício foi completamente revestida por camadas de fitas do Bonfim, numa alusão a uma das características de nossa cultura de utilizar fios – de cordas a tecidos, de cabelo, de joias de carnaval à fé – também como uma das formas de, simbolicamente, lidar com as diferenças, com paciência e tolerância.

Na fachada frontal de vidro, um sistema de projeção de vídeo acendia ao anoitecer, exibindo elementos que remetiam ao nosso patrimônio imaterial: música, dança, pintura corporal, culinária etc.

As paredes internas do pavilhão foram revestidas de tecido fino impresso com ilustrações e frases, como a famosa tirada de Tom Jobim: "O Brasil não é para principiantes".

20.09.2011 a 15.01.2012
DYNASTIE HALL - MONT DES ARTS
Bruxelas





O Mont des Arts se tornou o centro nevrálgico do Europalia.Brasil. O Club.Brasil, centro de informação, sala de espetáculos, restaurante bar, loja, instalou-se no Dynastie Hall, enfeitado pelo *designer* Marcello Dantas com uma infinidade de braceletes e fitas da sorte.

Vlan (Ed. Bruxelles), p. 15, 26.10.2011







A RUA

A Rua reuniu 28 artistas cujas obras possuem laços estreitos com a cidade do Rio de Janeiro, mais particularmente com o espírito das ruas cariocas, que teve uma importância fundamental na evolução da cena artística e cultural da cidade nos últimos 40 anos: desde o período efervescente do final dos anos 1960 e início da década de 1970 – *anni mirabilis* do conceitualismo global, durante os quais a arte brasileira teve um papel considerável – até os movimentos contemporâneos.

Além dos pontos de vista histórico e geográfico – o desenvolvimento do cenário artístico de uma cidade ao longo das últimas quatro décadas – a exposição articulou-se em torno "da rua", mostrando sua relevância na produção artística *carioca* contemporânea sob três aspectos: em primeiro lugar, como espaço de encontro onde a coletividade se reinventa permanentemente; em segundo lugar, como ateliê, local de criação, produção e consumo culturais; finalmente, como configuração altamente particularizado da esfera pública. No dizer do curador da mostra, "algumas das contribuições mais significativas do Rio na arte contemporânea nasceram do desejo ardente de seus artistas de explorar as zonas fronteiras e porosas entre 'a rua' e o 'ateliê'".

Artistas participantes

- ▶ Alexandre Vogler
- ▶ Anna Bella Geiger
- ▶ Anna Maria Maiolino
- ▶ Arthur Omar
- ▶ Cildo Meireles
- ▶ Ernesto Neto
- ▶ Evandro Teixeira
- ▶ Gabriel & Tiago Primo
- ▶ Guga Ferraz
- ▶ Hélio Oiticica
- ▶ Ivens Machado
- ▶ Joana Traub Csekö
- ▶ Jorge Mário Jáuregui
- ▶ Laura Lima
- ▶ Lucia Laguna
- ▶ Lygia Clark
- ▶ Lygia Pape
- ▶ Marcio Botner
- ▶ Maurício Dias & Walter Riedweg
- ▶ Miguel Rio Branco
- ▶ Paula Trope
- ▶ Ricardo Basbaum
- ▶ Ronaldo Duarte
- ▶ Rosana Palazyan
- ▶ Simone Michelin
- ▶ Waltércio Caldas

06.10.2011 a 22.01.2012
MUSEUM VAN HEDENDAAGSE
KUNST ANTWERPEN (MHKA)
Antuérpia, Bélgica





A Rua coloca em evidência
o potencial brasileiro,
sua energia cintilante
e sua contribuição para
a arte contemporânea.

Collection Arts Antiques Auctions (fr)
p. 04, 01.10.2011





BRAZIL.BRASIL

As primeiras manifestações da arte no Brasil são inegavelmente aquelas produzidas durante o período colonial, quando o país, voltado para si mesmo, absorveu os signos do barroco europeu transmitidos pelos portugueses. Assim, em particular no século XVIII, em Minas Gerais, vicejou um barroco híbrido que incorporava fortemente os elementos locais à influência portuguesa, tão vivo e esplendoroso que conformou uma verdadeira civilização barroca no Brasil.

Neste sentido, uma exposição sobre este tema deveria constar do escopo de um projeto tão amplo e diversificado sobre as artes visuais no Europaia.Brasil. Contudo, o curador geral do projeto, Adriano de Aquino, considerou dois aspectos relevantes: o primeiro dizia respeito ao fato de que, nos últimos anos, foram realizadas no exterior grandes exposições sobre o barroco brasileiro e sua importância fundadora em nossas artes e em nossa mentalidade.

Em segundo lugar, pouco ou nada havia sido sistematicamente divulgado sobre o papel decisivo da Academia do Novo Mundo, criada em 1816 por Dom João VI, oito anos após a instalação da corte portuguesa no Brasil. Constituída de artistas franceses, a Academia pretendia moldar a construção de uma identidade, conseqüentemente, um olhar sobre o país construído "de fora".

O próprio modernismo, mesmo tendo realizado um mergulho vital em nossas raízes, ainda trazia em suas produções o reflexo, mesmo que oblíquo, desse olhar europeu dominante no século XIX.

O título Brazil.Brasil sugere uma reflexão sobre o olhar "de fora para dentro" que caracterizou a arte no século XIX, e sobre o olhar "de dentro para fora" que marcou o modernismo.

Esta exposição foi constituída em dois módulos – "Entre dois mundos: a Europa sonhada e a construção do imaginário brasileiro no séc. XIX" e "Primitivos de uma Nova Era" – e de um núcleo que destacou a relevância da obra de Volpi na arte brasileira.

04.10.2011 a 15.01.2012
BOZAR
Bruxelas, Bélgica





Entre dois mundos: a Europa sonhada e a construção do imaginário brasileiro no séc. XIX

Quando em 1808, ao escapar da invasão francesa, a corte portuguesa abandonou Lisboa para se instalar no Rio de Janeiro, encontrou um universo isolado do mundo, onde vigorava uma singular produção de arte barroca que conheceu aqui seu esplendor no século XVIII.

Da noite para o dia, de acanhada capital da colônia, o Rio de Janeiro transformar-se-ia na capital do império português. Se o exército de Napoleão foi diretamente responsável por essa inversão dramática de papéis, coube também a franceses construir uma nova imagem do país: com a criação da segunda Academia do Novo Mundo, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, em 1816, dirigida pelo bonapartista Joachin Lebreton, o Moderno foi implantado nos trópicos para "limpar" a nova corte dos fumos barrocos do período colonial.

Emblematicamente, a exposição "Entre dois mundos" foi aberta com uma das obras-primas da arte barroca: o São Jorge, de Aleijadinho, como signo do último suspiro desse mundo colonial perdido, com seus artistas mulatos relegados ao esquecimento.

Como as elites brasileiras, a Academia buscou sua inspiração na utopia americana do "bom selvagem", da qual a "Primeira Missa", de Victor Meirelles, é uma alegoria exemplar juntamente com o mito da fundação da Nação. A pintura histórica, com temas bíblicos e batalhas, além dos retratos, foi o forte dessa academia. Nela, o negro foi sempre representado como herói ou doutor, cujo passado era omitido por uma sociedade ainda escravocrata. Já o índio permaneceu uma alegoria da terra, a paisagem natural sempre no segundo plano.

Tanto a escravidão dos primeiros quanto o desaparecimento dos segundos, assim como o registro das florestas do Brasil, estiveram representados na exposição pelas obras dos artistas viajantes que, ao longo do século XIX, revelaram com um "outro olhar" o país tal qual ele era.

De sala em sala, a exposição "Brazil.Brasil" nos faz viajar através de uma série de obras, objetos, filmes, desenhos, esculturas que revelam a "alma brasileira" sem ocultar o seu lado sombrio. Os grandes nomes vêm à tona: Victor Meirelles e *A Primeira Missa no Brasil* (1860), Pedro Américo e seu aterrorador *Tiradentes esquartejado* (1893), Tarsila do Amaral e seus *Trabalhadores* (1933). Não podemos dizer que, sem ter visto esta exposição rica e bem balizada, não seria possível apreciar as outras atividades do Europalia, mas nos parece muito claro que Brazil.Brasil proporciona, para a compreensão de um país constantemente circunscrito a clichês (samba, carnaval, biquíni etc.), chaves indispensáveis e profundamente humanas.

Paulette Nzdrin. *Moustique*, p. 53, 26.10.2011



Primitivos de uma Nova Era

O grande mérito das correntes modernistas da primeira metade do século XX foi o de terem incorporado as influências vindas de fora e, ao mesmo tempo, terem ido em busca do Brasil profundo, caleidoscópico em suas particularidades locais.

Ao se remeter à afirmação do poeta Mário de Andrade "Somos na realidade os primitivos duma era nova" – que consta do "Prefácio Interessantíssimo" de sua obra *Pauliceia Desvairada* (1922) – o nome desta mostra revela o eixo central da experiência estética dos modernistas brasileiros, marcada pelo "diálogo entre os Modernos e os Primitivos". Pois, no dizer da curadora, Ana Belluzo, eles não se limitaram a reproduzir a moda europeia, "eles prestaram uma atenção particular à exploração de valores ditos nativos, primitivos; admiraram a expressão da inocência infantil, a liberdade da manifestação dos 'loucos' [...], permitiram a descoberta de numerosos 'Brais' [...]. Eles foram ao encontro do selvagem e de sua mentalidade pré-lógica e do reconhecimento da arte afro-brasileira". A essa experiência soma-se a contribuição dos artistas imigrados e a vivência de artistas brasileiros no ambiente das vanguardas europeias.

A mostra exibiu obras emblemáticas da produção modernista brasileira, dentre outras, *Antropofagia* e *Operários* de Tarsila do Amaral; *Bordel* de Di Cavalcanti; *Veado enrolado* e *O beijo* de Victor Brecheret; ex-votos coletados pela Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938; obras literárias como o *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade e *Cobra Norato* de Raul Bopp, além de obras de artistas imigrantes, como Lasar Segall, Oswaldo Goeldi e Volpi.





Volpi

Este núcleo da exposição Brasil.Brasil constituiu uma retrospectiva das obras do pintor ítalo-brasileiro Alfredo Volpi (Lucca, 1896 – São Paulo, 1988), considerado um dos mais importantes artistas da segunda geração do modernismo brasileiro.

Autodidata, Volpi, desde criança, revelou seu talento para misturar cores, o que o levou a trabalhar como pintor de frisos, florões e painéis nas paredes das mansões paulistanas. Estudou na Escola Profissional Masculina do Brás e trabalhou como marceneiro, entalhador e encadernador. Aos 18 anos, pintou sua primeira obra de arte sobre a tampa de uma caixa de charutos. Só realizou sua primeira mostra individual aos 48 anos.

Na década de 1930, começou a se dedicar à arte, frequentando o Grupo Santa Helena (São Paulo), do qual faziam parte os pintores Aldo Bonadei, Clóvis Graciano, Fúlvio Penacchi e Ernesto de Fiori. Este último teve grande influência em seu trabalho, inicialmente constituído de paisagens urbanas que, pouco a pouco, foram dando lugar a casas, fachadas e bandeirinhas, em composições cada vez mais simplificadas. Importante colorista, Volpi trabalhava com a têmpera, que ele mesmo preparava. Participou das três primeiras bienais internacionais de São Paulo e, em 1953, dividiu com Di Cavalcanti o prêmio de Melhor Pintor Nacional.





EXTREMOS

fotografia no Brasil 1840-2011

O Brasil tem uma história peculiar com a fotografia: foi um dos países pioneiros a praticá-la, tendo como primeiro fotógrafo o futuro imperador Dom Pedro II que, aos 14 anos, comprou um aparelho de daguerreotipia, iniciando experiências no ramo.

Mais tarde, transmitiu o amor pela fotografia à sua esposa, a imperatriz Thereza Christina, bem como às suas filhas, as princesas Isabel e Leopoldina, que estudaram essa nova disciplina com Revert Henriquer Klumb, um dos raros profissionais que mereceram o título de "fotógrafo da Casa Imperial".

Dom Pedro II foi também um dos primeiros colecionadores particulares de fotografia no mundo e, ao ser banido do Brasil, em 1889, doou à Biblioteca Nacional sua preciosa coleção de 25 mil imagens. Conservada sob o título Coleção Thereza Christina Maria, essa coleção é classificada atualmente como patrimônio da humanidade pelo programa Memória do Mundo, da UNESCO.

Nesta mostra o visitante pôde conhecer, por meio da fotografia, parte significativa da história do Brasil oitocentista até a atualidade.

A exposição foi composta de dois núcleos: "Visões e reflexões tropicais: imagens do primeiro século da fotografia no Brasil – do Império à República, 1840-1940", e "Fotografia no Brasil: núcleo contemporâneo".

06.10.2011 a 15.01.2012
BOZAR
Bruxelas, Bélgica



Visões e reflexões tropicais: imagens do primeiro século da fotografia no Brasil – do Império à República, 1840-1940

O objetivo do núcleo histórico da exposição Extremos foi o de oferecer uma visão do Brasil tal como o país foi documentado pelos fotógrafos que aqui atuaram desde que a daguerreotipia foi introduzida no Rio de Janeiro, em 1840.

Durante esse primeiro século da atividade, o país passou por três períodos políticos distintos: o Segundo Império (1840-1889); a Primeira República (1889-1930); e a Era Vargas (1930-1940). Tais períodos foram representados em três ambientes diferentes.

No Foyer 1 do Bozar, foram exibidos os retratos da Família Imperial brasileira, 13 álbuns (em versão digital) da Coleção Thereza Christina Maria, da Biblioteca Nacional, bem como daguerreótipos, ambrótipos e álbuns de fotografias originais pertencentes ao acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

O Foyer 2 foi consagrado ao "Olhar europeu", tal como representado pelas fotografias do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss e do fotógrafo italiano Vincenzo Pastore sobre a São Paulo da primeira metade do século XIX, e uma série de imagens realizadas em diferentes localidades do nordeste pelo fotógrafo francês Marcel Gautherot.

E, finalmente, foram reunidas no Hall Horta imagens de diversos fotógrafos oitocentistas, oferecendo uma ampla cobertura territorial do Brasil, bem como o registro de momentos históricos marcantes, tais como a assinatura da Lei Áurea, a Campanha de Canudos e a Revolta da Armada. Entre esses pioneiros, vale destacar os nomes de Victor Frond, Revert Henrique Klumb, Augusto Riedel, Alberto Henschel, Maurício Lamberg, Juan Gutierrez, Christiano Junior, Carlos César, Flávio de Barros, Militão Augusto de Azevedo, Marc Ferrez, Augusto Malta e do major Thomaz Reis.





O núcleo histórico da exposição trata dos contrastes por meio da fotografia, desde 1840, fortemente ligada à monarquia e ao imperador Pedro II. Pedro Vasquez, o especialista na matéria, nos premiou com sua grande contribuição. Quanto ao núcleo contemporâneo, Guy Veloso propôs um ponto de vista complementar e apresentou as oposições entre as megalópoles e as regiões afastadas, como a floresta amazônica, entre os pobres e os ricos, os brancos e os negros. Uma terra de contrastes!

Gorik de Henau. *Bozar Magazine*, p. 2, 01.10.2011



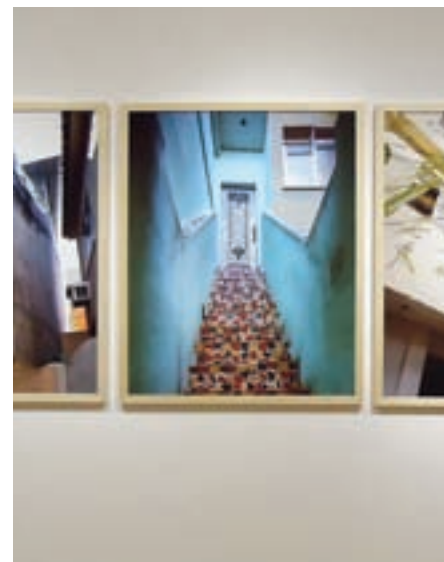


Artistas participantes

- ▶ Adenor Gondim
- ▶ Anderson Schneider
- ▶ 46/48
- ▶ Andre Cypriano
- ▶ André Vieira
- ▶ Carlos Moreira
- ▶ Cássio Vasconcellos
- ▶ Claudia Andujar
- ▶ Cristiano Mascaro
- ▶ Gustavo Lacerda
- ▶ José Bassit
- ▶ Luiz Braga
- ▶ Maureen Bisilliat
- ▶ Mestre Júlio Santos
- ▶ Paula Sampaio
- ▶ Pedro Lobo
- ▶ Ricardo Labastier
- ▶ Thomaz Farkas
- ▶ Tiago Santana
- ▶ Walter Firmo

Fotografia no Brasil: núcleo contemporâneo

Por meio das obras de 20 artistas, este núcleo constituiu um recorte da fotografia brasileira contemporânea que registra a diversidade do país, os paradoxos e as contradições que perpassam suas dimensões continentais: desde a geografia, que comporta a floresta amazônica e o sertão, às desigualdades sociais oriundas da convivência entre a extrema opulência e a extrema pobreza. Lado a lado também estão, como observam os curadores do núcleo, "o feio e o belo (que muitas vezes se confundem, em uma androginia tipicamente brasileira), as cores da pele, dos olhos e da alma. O êxtase e a sensualidade do carnaval; o crescimento vertiginoso, recente e simultâneo aos sonhos desfeitos pelas carências. Opostos unidos por um só nome, bandeira e língua".





GRAVURA EXTREMA

Reunindo 254 obras de 31 coleções públicas e privadas, a exposição exibiu obras gráficas produzidas no Brasil dos anos 1930 aos dias atuais, registrando as transformações sofridas por esta linguagem ao longo desse período sem, contudo, seguir um princípio cronológico. Preferindo estabelecer uma dimensão mais fragmentária, o curador da mostra propôs ao público uma leitura cruzada.

Fundada na dualidade entre a luz e a sombra, o dia e a noite, a morte e a vida, a exposição foi organizada em quatro módulos.

O primeiro, "Tramas da noite", reuniu obras de artistas como Lasar Segall e Oswaldo Goeldi, confirmando os fortes laços da arte brasileira com o expressionismo europeu.

O segundo módulo, "Noites particulares", integrou uma nova geração de artistas que construíram seus trabalhos superando as restrições e a intensa politização dos anos 1930, com uma poética que ora se aproxima da abstração lírica, ora retorna às temáticas sociais.

"Outras sombras, outras noites", terceiro módulo, tratou da abstração dos anos 1950, que representou outra abertura para o diálogo internacional.

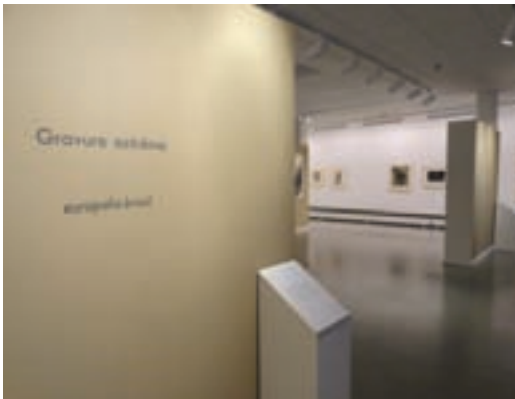
Finalmente, o quarto módulo, "A noite de alguns", reuniu a maior parte dos artistas contemporâneos. Nele pôde se observar que a pesquisa gráfica ganha outra dimensão: o ato artístico não está mais limitado ao suporte e pode adquirir uma dimensão espacial que interage com o espectador.

Numa topografia inesperada e provocante, esta seleção de 200 obras gráficas de cerca de 60 artistas nos transporta para uma cultura essencialmente fundada sobre o humanismo.

Arte News, p. 10, 01.09.2011

08.10.2011 a 08.01.2012
CENTRE DE LA GRAVURE ET L'IMAGE IMPRIMÉE
La Louvière, Bélgica





Um Brasil em preto e branco, entre sombra e sol, entre dia e noite. Um Brasil que descobre, inova, experimenta. Eis o que propõe a mostra **Gravura Extrema** no Centre de la Gravure et l'Image Imprimée, em La Louvière.

lesoir.be, 2.11.2011



Artistas participantes

- Adir Botelho
- Alberto Martins
- Alex Flemming
- Alex Gama
- Ana Letycia Quadros
- Anna Bela Geiger
- Anna Maria Maiolino
- Antonio Dias
- Arthur Luis Piza
- Carlos Martins
- Carlos Vergara
- Carmela Gross
- Cildo Meirelles
- Claudio Caropreso
- Claudio Mubarak
- Darel Valença Lins
- Edith Behring
- Edith Derdyk
- Elisa Bracher
- Ernesto Bonato
- Evandro Carlos Jardim
- Fabrício Lopes
- Fayga Ostrower
- Feres Khoury
- Fernando Vilela
- Flávia Ribeiro
- Francisco Maringelli
- Frans Krajcberg
- Gilvan Samico
- Helena Freddi
- Iberê Camargo
- Isabel Pons
- Jacques Jesion
- Julio Plaza
- Lasar Segall
- Laurita Salles
- Lena Bergstein
- Lívio Abramo
- Luise Weiss
- Maciej Babinski
- Marcelo Grassmann
- Marcio Périgo
- Marco Buti
- Maria Bonomi
- Newton Cavalcanti
- Osvaldo Goeldi
- Paula Almozara
- Paulo Camilo Penna
- Poty Lazzarotto
- Regina Silveira
- Renina Katz
- Roberto Magalhães
- Rossini Perez
- Rubem Grillo
- Rubens Gerchman
- Rubens Matuck
- Sergio Fingermañ
- Sérvulo Esmeraldo
- Sheila Goloborotko
- Silvia Mecozzi
- Thereza Miranda
- Ubirajara Ribeiro e gravuras de Cordéis

A casa da
museu interm
Volume II
Sipulandia - g...
1
2
0



THE METHOD WE TRUST
WE LOVE METHOD
VACUUM OF
MODULE AND
CRYSTAL



1950 at Jacaranda Museum, Sipulandia, g...

ART IN BRAZIL (1950-2011)

O modernismo constituiu uma inestimável contribuição ao pensamento brasileiro. Com ele, o olhar sobre o país começou a ser revisto e reconstruído por meio da incorporação da influência europeia, porém ajustada às singularidades das culturas locais. Contudo, uma ruptura radical com os padrões estabelecidos desde o século XIX só veio a acontecer no projeto construtivo que, a partir dos anos 1950, além de se estruturar sobre valores inéditos, gerou um amplo diálogo com a arte produzida nos grandes centros culturais e artísticos do mundo.

Esta exposição foi composta de três módulos sobre a produção artística brasileira dos anos 1950 à atualidade – "Vontade Construtiva", "Anos 1960-80", "Construção e Desconstrução nas Artes brasileiras (Anos 1990-2000)" – e cinco núcleos dedicados a cinco artistas cujas obras são de inegável importância no panorama de nossas artes: Ione Saldanha, Mira Schendel, Loio-Pérsio, Franz Weissmann e Milton Dacosta.

11.10.2011 a 15.01.2012
BOZAR
Bruxelas, Bélgica





50 anos de experimentação, de resistência e de criação original [...] as primeiras salas são magníficas. Elas são consagradas aos movimentos concretista e neoconcretista dos anos 50 e 60. [...] Na exposição encontramos uma idade do ouro com as pinturas geométricas de Willys de Castro, as esculturas de mármore de Sergio Camargo e as metálicas de Franz Weissmann. Emergem dois artistas maiores que terão uma influência determinante na arte brasileira. Em primeiro lugar, Lygia Clark, de quem são exibidos os grandes 'Bichos' [...] Hélio Oiticica é outra personalidade-chave.

Guy Duplat, *La Libre Belgique*, p. 48, 12.10.2011

Vontade Construtiva

No fim dos anos 1940, a arte brasileira experimenta a necessidade de uma definição do que é ou não moderno. O modernismo não oferece mais respostas. Em 1952, surge em São Paulo o Grupo Ruptura, que cria obras abstratas, racionalmente estruturadas e geométricas que se distanciam do aspecto regional, da iconografia brasileira obrigatória e da crítica social muito presente nos modernistas. Nessa época, a arte moderna brasileira passa a adotar uma orientação principalmente construtiva. Num país onde o informalismo e a desordem são a tônica, uma vontade de ordem ganha força no afã de valorizar a Forma. Mas a "ação difusa do informalismo onipresente", como observam os curadores do módulo, determinará uma "vocação experimental" e um "élan transformador" que marcarão "a nossa melhor arte construtiva", fazendo com que os exercícios geométricos se revelassem, desde logo, propostas imaginativas". Esta vocação está presente nas "telas pioneiras" de Alfredo Volpi e Milton Dacosta, que se somam aos trabalhos de Amílcar de Castro e Franz Weissmann, bem como aos de Lygia Clark, Hélio Oiticica e Willys de Castro. "Produzidos no contexto estimulante do movimento neoconcreto, a transmitir claramente essa vocação experimental – com maior ou menor urgência, segundo a exigência de suas poéticas – essas obras abrem-se ao futuro, desacreditam figuras geométricas puras e ideais. A geometria será, isto sim, a arte de disponibilizar novos espaços".

▶ Mira Schendel

Mira Schendel (Zurique, 1919 – São Paulo, 1988) é considerada um dos expoentes da arte contemporânea brasileira. Tendo chegado ao Brasil em 1949, fixou-se em Porto Alegre. Sua participação na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, propiciou-lhe contato com experiências internacionais e a inserção na cena nacional. Na década de 1960, produziu mais de 2 mil desenhos com a técnica da monotipia em papel-arroz, divididos em subgrupos, chamados de "linhas", "arquiteturas" (linhas em forma de u), "letras" (alfabeto e símbolos matemáticos) e "escritas" (em várias línguas). Em 1966, criou e exibiu, em Londres, a série *Droguinhas*, elaborada com papel-arroz retorcido. Suas peças de acrílico datam de 1968, quando realizou obras como *Objetos Gráficos e Toquinhos*. Entre 1970 e 1971 preparou um conjunto de 150 cadernos, desdobrados em várias séries. Na década de 1980, produziu as têmperas brancas e negras, os *Sarrafos*, e iniciou uma série de quadros com pó de tijolo. Após sua morte, muitas exposições apresentaram sua obra no Brasil e no exterior. Em 1994, a 22ª Bienal Internacional de São Paulo dedicou-lhe uma sala especial.

▶ Milton Dacosta

Pintor, desenhista, gravador e ilustrador, Milton Dacosta (Niterói, 1915 – Rio de Janeiro, 1988) foi um artista precoce. Em 1929 iniciou estudos de desenho e pintura com o professor alemão August Hantv. No ano seguinte frequentou o curso livre de Marques Júnior, na Escola Nacional de Belas Artes. Sua primeira participação no Salão Nacional de Belas Artes se deu em 1933, e sua primeira mostra individual foi realizada na Galeria Santo Antônio, no Rio de Janeiro, ano em que também recebeu menção honrosa no Salão Nacional de Belas Artes. Em 1944 ganhou o prêmio de viagem ao exterior do Salão Nacional de Belas Artes, o que o levou a estudar, durante o ano de 1945, na Art's Students League of New York. No ano seguinte, visitou Lisboa e viajou por vários países da Europa, fixando-se em Paris, onde estudou na Académie de La Grande Chaumière. Por intermédio de Cicero Dias, conheceu Pablo Picasso e frequentou os ateliês de Georges Braque e de Georges Rouault. Expôs no Salon d'Automne e regressou ao Brasil em 1947. Em 1949 casou-se com a pintora Maria Leontina. Na década de 1950 desenvolveu uma obra de cunho construtivista, mas na década seguinte retomou o figurativo com a série de gravuras coloridas em metal com o tema Vênus.

► Franz Weissmann

Conhecido como o *Escultor do Vazio*, Franz Joseph Weissmann nasceu em 1911, em Knittelfeld (Áustria), e em 1921 veio com a família para o Brasil. Entre 1939 e 1941, frequentou cursos de arquitetura, escultura, pintura e desenho na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Em 1945 mudou-se para Belo Horizonte, onde participou com o pintor Alberto da Veiga Guignard (1896-1962) da criação da primeira escola de arte moderna da cidade de Belo Horizonte, mais tarde Escola Guignard. Suas primeiras obras foram pautadas no figurativismo, mas, a partir da década de 1950, começou a desenvolver um trabalho de cunho construtivista.

Em 1955 integrou o Grupo Frente e, em 1957, participou da Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada no Rio de Janeiro. Em 1959 foi um dos fundadores do Grupo Neoconcreto. Na década de 1960 expôs a série *Amassados*, com chapas de zinco ou alumínio trabalhadas a martelo, porrete e instrumentos cortantes, alinhando-se temporariamente ao informalismo. Mais tarde reaproximou-se das vertentes construtivas. Nos anos 1970 recebeu o prêmio de melhor escultor da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), participou da Bienal Internacional de Escultura ao Ar Livre, em Antuérpia, Bélgica, e da Bienal de Veneza. Franz Weissmann realizou esculturas monumentais para espaços públicos em várias cidades brasileiras. Faleceu em 2005 no Rio de Janeiro.



[...] a exposição aborda outro momento importante da arte brasileira: sua resistência à ditadura que causa estragos de 1964 a 1985. [...] cruzamos com artistas que fazem experimentações com a Pop art, o pós-dadaísmo ou o pós-Duchamp para se oporem à ditadura. Como Antonio Manuel, que esconde atrás das 'cortinas' cópias de jornais falando dos 'acontecimentos'. Ou Carlos Zílio, que propõe uma mala pequena anódina, mas cujo conteúdo não é nada além do que pontas de pregos. Emerge, então, outra personalidade importante. Cildo Meirelles [...] que também tem direito a uma sala para os seus primeiros trabalhos, dentre os quais as falsas notas de dinheiro no valor de zero dólar, que ele distribuía para perturbar a vida.

Guy Duplat. *La Libre Belgique*, p. 48, 12.10.2011

Anos 1960-80

O período da ditadura militar no Brasil é caracterizado pela censura violenta à arte, mas também pela emergência de movimentos artísticos nos quais a experimentação permite contornar os obstáculos colocados à livre expressão, possibilitando o surgimento de grandes contribuições à arte contemporânea. Artistas construtivos como Sergio Camargo desenvolvem obras originais. Da mesma maneira, como observa o curador do módulo, Iberê Camargo, com sua pintura expressiva, "tem nesse momento um clímax nos núcleos e carretéis". Mas o que se destaca relativamente das décadas anteriores são "os desdobramentos pós-construtivos das obras de Lygia Clark, Hélio Oiticica e a Nova Figuração".

Durante os anos 1970, surgem artistas como Waltercio Caldas, Antonio Dias, Cildo Meireles, José Resende, Tunga, entre outros, "que se nutrem das lições construtivas sem mimetizá-las". A arte brasileira dialoga, então, com seu passado recente. Com isso, nos anos 1980, se torna possível não só um "retorno à pintura", mas também uma "aproximação diferenciada" em relação à pintura produzida pelos artistas das décadas imediatamente anteriores. Da mesma maneira, surgem "certas obras 'tardias' que, por inúmeras razões, cumprem um papel emblemático, como exemplificam as pinturas de Iberê Camargo e a leitura das mesmas por Jorge Guinle Filho".



► Loio-Pérsio

Pintor, desenhista, gravador, ilustrador e artista gráfico, Loio Pérsio (Tapiratiba, 1927 – Rio de Janeiro, 2004) foi um dos principais precursores do abstracionismo lírico informal no Brasil. Sua primeira exposição individual aconteceu em 1947 no Centro Cultural Interamericano (Curitiba). Integrou, em 1951, o grupo de fundadores do Centro de Gravura do Paraná. Em 1965 ministrou aulas na Escola Superior de Arte de Stuttgart, Alemanha. Dez anos depois, foi pintor-residente na Fundação Karoly, Vence, França. Participou do Salão Nacional de Arte Moderna, tendo recebido o prêmio de viagem à Europa, em 1963, e o prêmio de viagem ao país em 1966. Ganhou a medalha de prata do Salão Paulista de Belas Artes de 1959. Participou também das Bienais de São Paulo (1959 e 1989), de Veneza (1960), Interamericana do México (medalha de ouro em 1960) e de Paris (1961). Representou o Brasil no Guggenheim International Award de 1960, em Nova York, ao lado de Maria Leontina, Manabu Mabe, Lygia Clark e Flávio Shiró. Em 2001 recebeu bolsa da Fundação Pollock-Krasner, de Nova York.

► Ione Saldanha

Pintora, escultora e desenhista, Ione Saldanha (Alegrete, 1919 – Rio de Janeiro, 2001) realizou seus primeiros estudos com o pintor Pedro Luiz Correia de Araújo, no Rio de Janeiro, em 1948. Durante o ano de 1951 estudou a técnica de afresco na Académie Julian, Paris, e em Florença, Itália. Suas primeiras obras foram figurativas, mas posteriormente sua produção foi adquirindo um caráter abstrato. No fim da década de 1960 passou a experimentar novos suportes, como ripas, bobinas de madeira para cabos elétricos e bambus. Em 1969 recebeu o prêmio de viagem ao exterior no 7º Resumo de Arte do Jornal do Brasil, e foi para os Estados Unidos e a Europa. Participou de várias edições da Bienal Internacional de São Paulo, com prêmio aquisição em 1967, e sala especial em 1975 e 1979. Em 2001 sua obra mereceu uma retrospectiva, Ione Saldanha e a Simplicidade da Cor, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói – MAC/Niterói.

Aqui se evoca a resistência da pintura, o desenvolvimento do vídeo e das instalações [...] há descobertas como a do jovem Henrique Oliveira que, na última Bienal de São Paulo, homenageava *A Origem do Mundo* de Courbet com uma escultura gigantesca e penetrável entre suas 'pernas'.

Guy Duplat, *La Libre Belgique*, p. 48, 12.10.2011

Construção e Desconstrução na Artes Brasileira (Anos 1990-2000)

Em resposta à pluralidade de códigos recriados pelo experimentalismo artístico dos anos 1970, as fronteiras entre sujeito, objeto e espaço gradativamente se estreitam. Depois da retomada pictórica da geração 80, uma espécie de *déjà-vu* "vanguardista" se apropria da arte a partir da década de 90.

No dizer da curadora da mostra, "a investigação de segmentos artísticos brasileiros recentes, nos quais o espaço é núcleo de processos e a noção de lugar um termo entre o real e o imaginário, contribui para a reflexão acerca da produção artística em diálogo com o 'processo histórico' de nossa arte".

A partir dessa ideia de "deslimites" entre arte e espaço de vivência, a exposição exibiu desde pinturas – perpassando o desenho, a escultura, o objeto, a instalação, a intervenção, a performance e a instauração – até as novas mídias, com trabalhos, dentre outros, de Chelpe Ferro, Efrain Almeida, Zalinda Cartaxo, Ronaldo Macedo e Zalinda Cartaxo. O recorte curatorial deste módulo implicou reciprocidades conceituais com as curadorias vizinhas: *Vontade Construtiva* e *Anos 1960-80*.





ÍNDIOS NO BRASIL

A mostra reuniu cerca de 281 obras entre artefatos e objetos de diversas culturas indígenas, provenientes dos principais museus antropológicos brasileiros.

A seleção dessas peças teve como objetivo salientar a diversidade, a representatividade e a contemporaneidade das artes ameríndias. Para isso, os objetos escolhidos para serem expostos tinham uma relação direta com um tema central na vida e no pensamento indígena: a "corporalidade", diretamente ligada à noção de pessoa. Assim, como observa a curadora da mostra, Lucia Hussak Van Velthem, "a construção do corpo nas sociedades indígenas supõe um exercício constante de fabricação, porque o sentimento de humanidade não é inato: uma criança não nasce Kayapó, Baniwa, Asurini, mas ela se torna Kayapó, Baniwa ou Asurini" por meio de práticas, como a pintura corporal, por exemplo, que os dota das qualidades sociais exigidas.

Assim, diferentemente do Ocidente onde os objetos têm uma função prática dissociada da simbólica, entre os ameríndios os objetos possuem um valor simbólico e estético indissociável do próprio corpo, dele constituindo uma continuidade e vice-versa.

Observando esse pressuposto fundamental, a exposição estabeleceu um percurso, constituído de três seções, que revelavam o quanto, entre os índios, tudo depende de uma dinâmica sempre em movimento: 1. vida cotidiana; 2. construção da pessoa; e 3. relações entre humanos e não humanos.

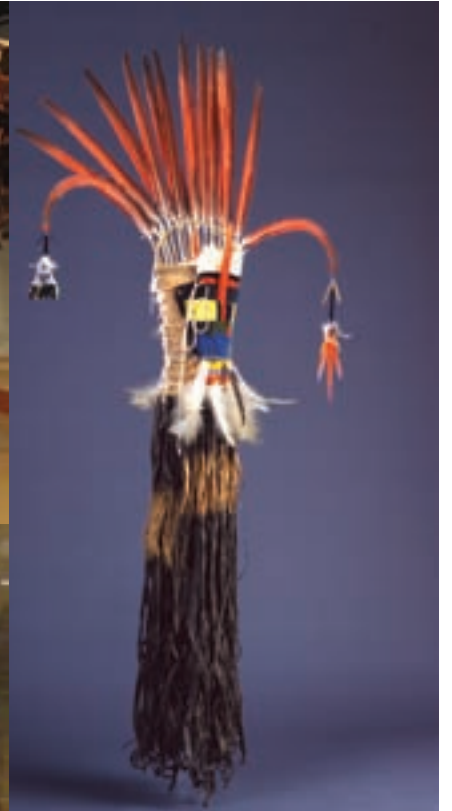
14.10.2011 a 15.04.2012
MUSÉES ROYAUX D'ART ET D'HISTOIRE
Bruxelas. Bélgica





A exposição [...] é, sem dúvida nenhuma, a mais difícil e a mais apaixonante de todas as organizadas por ocasião do Festival Europalia. Difícil por não se limitar a uma só etnia [...], ela reúne o essencial de uma cultura polimorfa (234 sociedades) disseminada em todo o território brasileiro. Apaixonante por nos entregar as chaves essenciais de uma visão da vida por meio de objetos e de documentos (visuais e sonoros) do presente. Grandes adornos de plumas coloridas, máscaras, joias de pérolas, cerâmicas, armas, utensílios, brinquedos...

Le Vif/L'Express, p. 84, 07.10.2011





TERRA BRASILIS

A representação da natureza por artistas e viajantes estrangeiros – como os preciosos registros de Frans Post e Albert Eckhout no século XVII – e por artistas estrangeiros e brasileiros – a partir do século XIX até o início da República – constituíram o ponto central da exposição. A visão paradisíaca do país, particularmente de sua fauna e de sua flora, soma-se à visão das expedições científicas para criar um imaginário sobre a natureza do Brasil.

Neste sentido, a exposição revelou a influência recíproca entre a Europa e o Brasil na descoberta, na valorização e na exploração da fauna e da flora brasileiras em todas as expressões artísticas – desenhos, pinturas, esculturas, objetos de arte e joalheria – e também nas ciências, como em geografia, cartografia, etnografia, botânica, zoologia, medicina, que resultaram em livros, coleções, expedições, museus de história natural, tanto na Europa quanto no Brasil.

Terra Brasilis estruturou-se em diferentes eixos que compreendiam elementos-chave, como as grandes descobertas e as expedições científicas; as plantas e seus diferentes usos – cabaças e grãos para a confecção de instrumentos musicais, o algodão para roupas e redes; as frutas, como o abacaxi, que fez muito sucesso na Europa; o açúcar, que possibilitou a produção de doces finos; o café, o cacau, o tabaco, a mandioca, o milho e as plantas medicinais utilizados na cosmética e na farmácia; a onipresença de pássaros, mamíferos e peixes; os papagaios adotados como aves domésticas, o tucano decorando o manto do imperador, os colibris enfeitando os chapéus; por fim, as matas e os metais preciosos. Em Terra Brasilis, todos esses elementos-chave estiveram evocados em numerosas obras de arte pertencentes às coleções de museus brasileiros e estrangeiros.

19.10.2011 a 12.02.2012
ING CULTURAL CENTER
Bruxelas, Bélgica





Sem rodeios, [esta exposição] transporta seus visitantes para o outro lado do mundo. O percurso se articula em torno de cerca de 300 peças – objetos de arte e científicos de diversas naturezas – ilustrando a influência recíproca entre a Europa e o Brasil na descoberta, na valorização e na exploração de riquezas naturais. Uma fauna e uma flora exuberantes e importantes recursos minerais que os próprios brasileiros continuam a redescobrir.

Gwennaëlle Gribaumont. *Collect Arts Antiques Auctions (fr)*, p. 19, 01.10.2011

TERRA
BRA
SILIS



BISPO DO ROSÁRIO

Arthur Bispo do Rosário (1911-1989) é considerado um dos mais importantes artistas contemporâneos brasileiros. Aos 27 anos, recebeu o diagnóstico de esquizofrênico-paranoico e foi internado no hospital psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, no bairro de Jacarepaguá, Rio de Janeiro, onde permaneceu – apesar de um intervalo entre 1944 e 1964 – até a sua morte, em 1989.

A mostra A Construção de uma Vida através do Fio reuniu 43 obras do artista pertencentes à coleção do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio de Janeiro - RJ. Entre as peças exibidas encontravam-se os estandartes, lençol bordado frente e verso, vitrines ou *assemblages*, objetos do cotidiano dos quais o artista se apropriou conferindo-lhes sentido de arte: as Faixas de Miss, as placas de rua e caixas de música, o manto e a jaqueta, algumas das obras que o consagraram. A organização da exposição propiciou ao público a sensação de estar dentro da "cela-forte" onde o artista criou a sua obra, bem como valorizou a discussão sobre arte e loucura, explorando as possibilidades oferecidas por parte do acervo do Art&Marges Musée.

20.12.2011 a 15.01.2012
ART&MARGES MUSÉE
Bruxelas, Bélgica



10.032 BOLCA PINTA
DE VERNIE PRETA
24 POR 20 DE S LARGO
TEM LIMA NO CENTRO
COSTURA 10 POR 11 E

5.032 BUTOES PARA
CAMISA

5.034 ARIBITES ALUMINE
PARA AJUNTAR ESCAS
DE METRES

4.027 FOLHA DE PRA
16 CENTIMETRO
CENTRO E FU

2.452 RODA PARA SER
COLADA NA BARRA DO
BRANCO 35 X 27

10.027 MARMITAS
ALTURA 5 UNIDADES
19 X 19 X 19

13.030 CHATELENE
DE PENDURA CHVES

3.034 RELOGIOS USADO
FERRO VELHO OS QUE
NAO TEM MAIS CONSERV

12.026 MOES LAVRE
ABSORVENTE PARA LISO
MOEAS MARCA JOHNSON

14.010 TAMPA DE BANH
PARA TOILETE PARA
BARRA DE TOILETE

10.024 PASSADEIRA

10.036 BOLCA DE
PLASTICO 26 POR
LARGA DEVE CARR
GAR NO OMBRIM
NA MOEA

027 PEDRAS DE
SILVADEIRA E FOR
AS TIRAS DE BO

33 CHAPEL DE
LHA

024 CADARCO
PATOS BRAN

005 CINZEIRO
MADEIRA CANE
CENTRO UMA
EDA DOIS CRUZ
EDA CRAVA

024 BONIA FEL
ROCHETE CINZEN

10.016 CALÇADO
COR BERGE PAPA
MULHER DE LUXO

QUEBRA CASTA
LOZES

3.022 TRES VIL
OS TEM ALITOS
CENTRO PARA MET

3.013 LAPIS DE
PARA COLORIR PI
AS ANIMAES CASH

5.032 CANETA
USADA DE PLAS
TEM UM TUBO CA

MENINA MOEA CARR
EGAR SEU PERTENCE

5.031 DEZ CABOS DE
VASSORAS DE LIME
20 X 24 20 CIMA

014 LAPIS PARA
ESCREVER EM PAPE
BRANCO - OIL OUT
DO QUE AS LETRAS
SIGUE SEM VISIVEL

10.021 ALCAS PARA
BOLCAS PLASTICO
VARIOS TIPO CORES

8.026 PAPEIS DE
VARIOS CORES 77
POR UM METRO

15.032 NOVA REAP
EMPRESA ONBUS
FICHAS

17.009 SERRA PARA
SERRAR EM FERRO

28.000 TAMPONETA
NA BARRA DE TOILETE

12.70 MATES
ALTA CULTURA

10.023 PRATO PLASTICO

14.004 CIMA DE
TUBO GROSSO BARRA
EM FLORES E BALNAS
PINTURA BOA 23 PARA

8.027 RETALHOS
DE PANO COM VAR
IHS CORES TIPOS

11.017 BOM BOIL

8.011 MADEIRA
DO PARA TOILETE
TRAZENDO O DIA DE

3.018 CAIXAS PARA
PARA USAR EM CIMA
MESA RESTAURANTE
PENSAO HOTEL MRS

027 SINCOS DE
LATA DO LIPRUMEN
LATA CO

8.029 MADEIRA
ESPRUMADA DEIRA

17.027 SINCOS DE
LATA DO LIPRUMEN
LATA CO

8.029 MADEIRA
ESPRUMADA DEIRA

14.009 TINTA
ZARCAO LATA
900 GRAMAS

16.004 CIMA DE
TUBO GROSSO BARRA
EM FLORES E BALNAS
PINTURA BOA 23 PARA

8.027 RETALHOS
DE PANO COM VAR
IHS CORES TIPOS

14.009 TINTA
ZARCAO LATA
900 GRAMAS

16.004 CIMA DE
TUBO GROSSO BARRA
EM FLORES E BALNAS
PINTURA BOA 23 PARA

8.027 RETALHOS
DE PANO COM VAR
IHS CORES TIPOS

16.004 CIMA DE
TUBO GROSSO BARRA
EM FLORES E BALNAS
PINTURA BOA 23 PARA

8.027 RETALHOS
DE PANO COM VAR
IHS CORES TIPOS

16.004 CIMA DE
TUBO GROSSO BARRA
EM FLORES E BALNAS
PINTURA BOA 23 PARA

8.027 RETALHOS
DE PANO COM VAR
IHS CORES TIPOS

Necessidade de nomear, enumerar, ligar as coisas pelo viés do bordado ou *assemblages*. Artur Bispo do Rosário consagrou sua vida tentando classificar todos os elementos do universo. Um procedimento obsessivo e vão que ele soube transformar em uma formidável obra de arte.

Jean-Marie Wynants, *Le soir*, p. 32, 14.11.2011



OOSTENDE
CULTUURSTAD

internationale arts festival
europalia.brasil

www.europalia.eu
T 02 540 80 80



22.10.2011 - 15.01.2012
Copacabana, Rio in Panorama
expo

www.oostendecultuurstad.be
T 059 56 20 14

Venetiaanse Gaanderijen
Hoek Zeedijk / Panjastraat, 8400 Oostende

OOSTENDE
BRASIL
Knack



COPACABANA

panoramas do rio

Desde a primeira vez em que foi descrito, de onde quer que fosse contemplado, o Rio de Janeiro sempre foi um panorama de beleza, não obstante a truculência de seu crescimento urbano desordenado, ocorrido principalmente a partir da década de 1950.

O panorama – como horizonte ou trechos do horizonte geográfico, urbano ou humano – orientou a narrativa da exposição Copacabana – Panoramas do Rio. Litografias e aquarelas do século XIX; imagens de fotógrafos como Augusto Malta, Marc Ferrez, Marcel Gautherot e Pierre Verger, entre outros; um diorama da Avenida Central e uma videoinstalação sobre Copacabana nortearam o percurso da construção do imaginário da cidade como *vitrine do Brasil*.

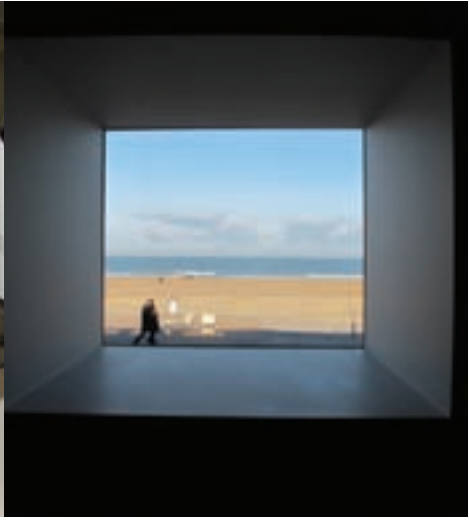
Com o advento da República, o Rio de Janeiro, como capital do país, deveria *se modernizar* para se tornar apresentável no concerto das nações. Para isso, sofreu reformas sanitárias e urbanas, que culminaram com a inauguração da Avenida Central (1904): ligando a cidade da Praça Mauá à Baía de Guanabara, a avenida abriu caminho da cidade em direção ao mar.

Durante o período (1910-1920), chamado de *Belle Époque* carioca, dentre outros hábitos importados do mundo "civilizado", a prática dos esportes foi definitivamente incorporada à vida dos cariocas, e as praias de Botafogo e Flamengo se tornaram uma extensão das salas de visitas.

Nascia o Rio de Janeiro balneário, polo irradiador de modas e costumes, sobretudo a partir de 1920, quando a praia de Copacabana começou a ser frequentada. A cidade e seu bairro icônico se fundiram no imaginário do Brasil e do mundo como panoramas reais e sonhados da alegria e do glamour.

22.10.2011 a 15.01.2012
VENITAANSE GAANDERIJEN
Oostende, Bélgica







Por meio de fotografias panorâmicas, o visitante é levado a passear pela cidade do Rio de Janeiro. Para tornar a experiência ainda mais realista, o elegante calçadão da Avenida Atlântica foi transferido para cá.

Het Laatste Nieuws, 03.11.11





PÉROLAS DA LIBERDADE: joalheria afro-brasileira

Do intercâmbio da cultura africana – presente no Brasil a partir do século XVI – com a América, a África e a Europa, resultaram produções materiais e artísticas inestimáveis, como a joalheria.

A exposição Pérolas da Liberdade: Joalheria Afro-Brasileira estruturou-se em três grupos temáticos. No primeiro, "Pérolas de Emancipação", foram exibidas joias usadas, especialmente na Bahia, por mulheres negras escravas, alforriadas ou livres. Joias-signos do poder, da riqueza e da liberdade durante e mesmo após a escravidão.

O segundo grupo, "Pérolas do Sagrado", apresentou duas coleções de colares, ou fios-de-contas, usados nos processos de iniciação e vivência das religiões afro-brasileiras, criados por Jorge Rodrigues e Júnior de Odé (Rio de Janeiro).

O terceiro grupo temático, "Pérolas da Cultura Brasileira", reuniu fotografias de, entre outros artistas, Adenor Gondim, Marcel Gautherot, José Medeiros e Pierre Verger, que documentaram os usos e os valores dos elementos da joalheria afro-brasileira. Usos e valores também presentes na trilha sonora da exposição, constituída de canções interpretadas por Clara Nunes, Clementina de Jesus, Elza Soares, Gal Costa, Maria Bethânia, Alcione, Mart'nália e Rita Ribeiro.

Nesse contexto não faltou a imagem-ícone de Carmem Miranda, cuja indumentária – composta de balangandãs, colares e pulseiras semelhantes aos elementos de joalheria apresentados na mostra – foi expressão máxima da incorporação da cultura africana pela cultura brasileira.



22.10.2011 a 26.02.2012
GRAND HORNU IMAGES
Hornu, Bélgica





(...) as joias afro-brasileiras aliam uma carga simbólica e emocional muito forte a uma estética resplandescete.

Temps de Vivre, p. 2, 01.09.2011

Se o plástico e a baquelita substituíram o ouro, a prata ou o coral, as formas generosas, o gosto pela opulência e, sobretudo, a exuberância permanecem. É o que alguns chamam de 'verdadeiras pérolas' da cultura brasileira.

L'Echo, p. 40, 29.10.2011





INCORPORAÇÕES: arte contemporânea afro-brasileira

A exposição Incorporações – Arte Afro-brasileira apresentou uma reflexão sobre as dimensões africanas da sociedade e da cultura brasileiras por meio de trabalhos de artistas contemporâneos, provenientes de diferentes regiões do Brasil: Alexandre Vogler, Ayrson Heráclito, Caetano Dias, Frente 3 de Fevereiro, Jorge dos Anjos, Marcondes Dourado, Mário Cravo Neto, Martinho Patrício, Rosana Paulino e Ronald Duarte. Esses trabalhos revelam as múltiplas relações do Brasil com as culturas africanas ao explorarem as dimensões rituais da arte e das religiões afro-brasileiras, e ao fazerem da arte um instrumento de luta pela melhoria das condições sociais dos afrodescendentes, em particular, e dos brasileiros, em geral. Para Roberto Conduru, curador da mostra, "nesse caminho poético-crítico, transitando entre sagrado e profano, individual e coletivo, pessoal e público, local e universal, arte, religião e política, os artistas acabam por instaurar uma África irrestrita a continentes e nações, uma África complexa, plural, porosa e atual, uma África brasileira".

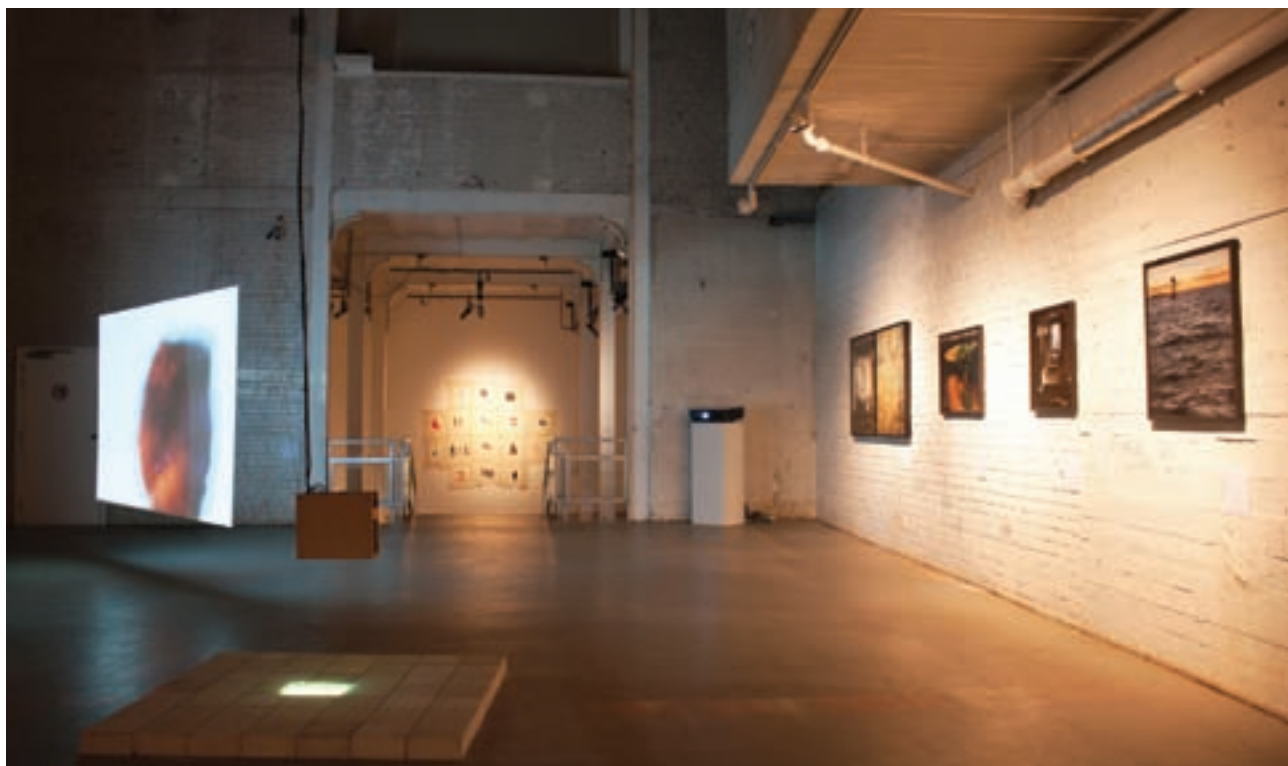
15.10.2011 a 15.01.2012
CENTRALE ÉLECTRIQUE
CENTRE EUROPÉEN D'ART
CONTEMPORAIN
Bruxelas. Bélgica





Muito sincrética, a arte de um país multicultural fustiga as desigualdades, acua todo racismo. Por meio dessa objeção aos problemas recorrentes em sua sociedade, os artistas brasileiros falam, contudo, uma língua do mundo, daí a sua universalidade. Esta exposição deve ser vista como um todo caleidoscópico e fértil.

Roger Pierre Turine, *La Culture*, expos. de 10.11 a 16.11.2011

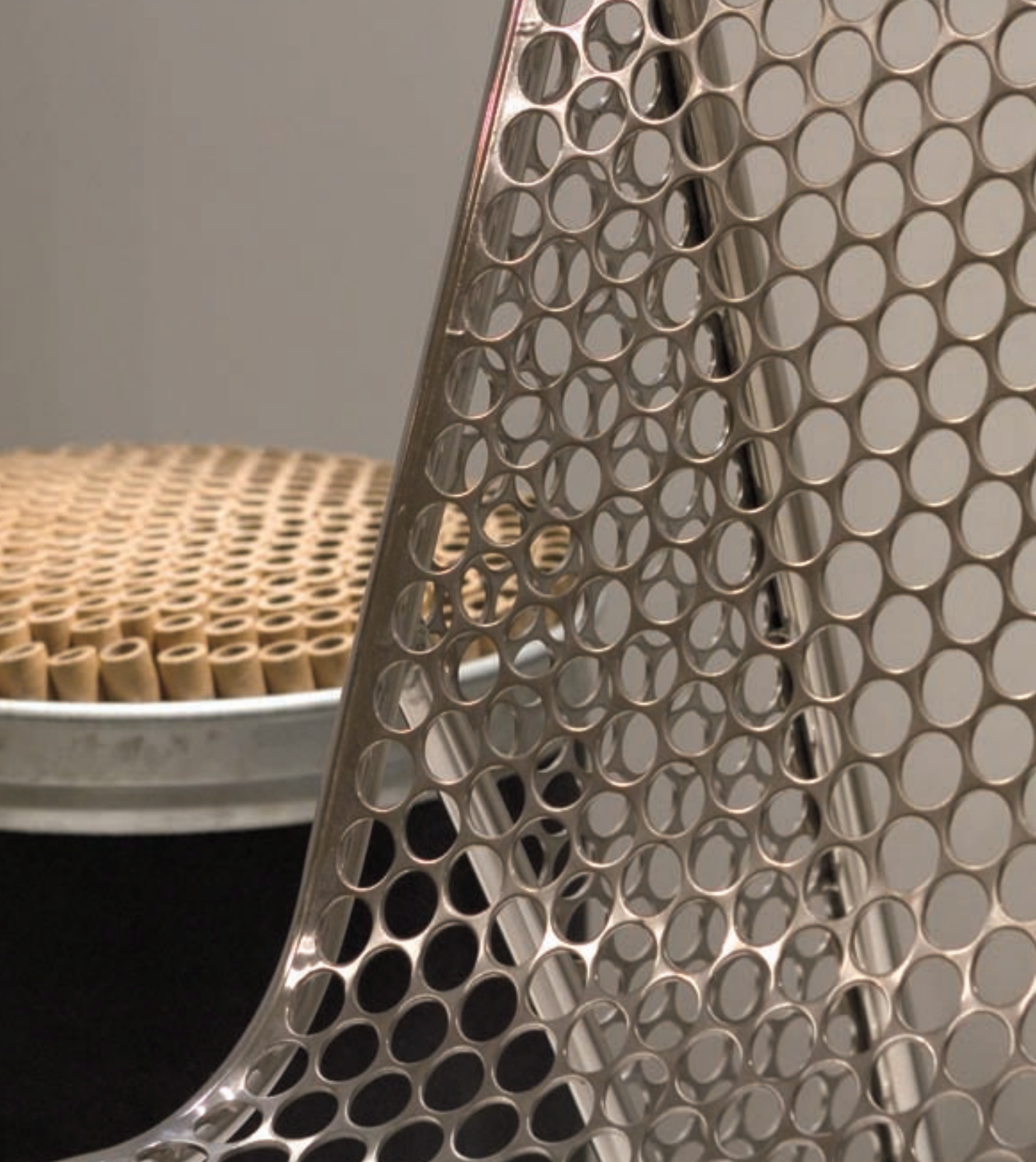




DESIGN BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO
PAULO MENDES DA ROCHA
BRASÍLIA EM CONSTRUÇÃO
LINA BO BARDI

DESIGN ARQUITETURA





Um *design* inspirado na natureza, na montanha, no mar, formas orgânicas, o humano, a história do país...

Catherine Callico. *Victoire (Le Soir)*.
p. 7. 15.10.2011

DESIGN BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO alegria

A exposição reuniu objetos do *design* contemporâneo brasileiro, desde aqueles produzidos com recursos da alta tecnologia àqueles feitos artesanalmente em pequena escala. Todos eles refletindo a capacidade do país em incorporar as influências estrangeiras, transformando-as e reinventando-as de maneira peculiar, revelando um espírito próprio. Além disso, as questões ecológicas, a reciclagem e a realização se integram na maior parte dos projetos contemporâneos, que atendem às demandas de um mercado consumidor cada vez mais amplo, não só no Brasil como no exterior. A mostra reuniu trabalhos de artistas como Brunno Jahara, Fernando Campana, Fernando Mendes de Almeida, Humberto Campana e Paulo Biacchi, entre outros. Para o seu curador, Túlio Mariante, "a exposição pretendeu mostrar como o *design* diversificado e criativo brasileiro manifesta alegria, um aspecto fascinante da nossa cultura".

11.11.2011 a 05.02.2012
GALERIA DESIGN VLAANDEREN
Bruxelas







Artistas participantes

- ▶ Ado Azevedo
- ▶ Alfio Lisi
- ▶ Antonio Bernardo
- ▶ Bernardo Senna
- ▶ Bruno Jahara
- ▶ Carlos Simas
- ▶ Carolina Armellini e Paulo Bicchí
- ▶ Chico Bicalho
- ▶ Daniel Castelo
- ▶ Débora Eichenberg
- ▶ Diego Costi
- ▶ Domingos Tótora
- ▶ Fernando Campana
- ▶ Fernando Mendes de Almeida
- ▶ Fernando Prado
- ▶ Flavia Pagotti
- ▶ Flávio Barão Di Sarno
- ▶ Fred Gelli
- ▶ Gerson de Oliveira
- ▶ Gustavo Chelles
- ▶ Gustavo Engelhardt
- ▶ Guto Índio da Costa
- ▶ Heloisa Crocco
- ▶ Humberto Campana
- ▶ Ignez Ferraz
- ▶ Ilse Lang
- ▶ Julia Krantz
- ▶ Karol Pichler
- ▶ Kimi Nii
- ▶ Leonardo Lattavo
- ▶ Levi Domingos
- ▶ Luciana Martins
- ▶ Luiz Pedrazzi
- ▶ Mana Bernardes
- ▶ Maria Oiticica
- ▶ Massimo Bianchi
- ▶ Maurício Arruda
- ▶ Morito Ebine
- ▶ Pedro Braga Leitão
- ▶ Pedro Moog
- ▶ Rafael Roldão
- ▶ Renata Meirelles
- ▶ Renato Mosci
- ▶ Roberto Hirth
- ▶ Sérgio Rodrigues
- ▶ Sidney Rufca
- ▶ Suzanne Reboh
- ▶ Tatiana Guimarães
- ▶ Tina e Lui
- ▶ Zanini de Zanine



PAULO MENDES DA ROCHA

A exposição apresentou um panorama da obra do arquiteto e urbanista capixaba Paulo Mendes da Rocha (1928), contemplado, em 2006, com o Prêmio Pritzker, o mais importante da arquitetura mundial.

O arquiteto pertence à geração da chamada Escola Paulista da arquitetura brasileira, liderada por João Batista Vilanova Artigas e caracterizada por promover uma arquitetura espacialmente econômica, que se reflete em seus elementos formais. Sua influência está presente nos trabalhos de Paulo Mendes da Rocha desde o seu primeiro grande projeto, o Ginásio do Clube Atlético Paulistano (São Paulo-SP), de 1958.

Por suas convicções a respeito do papel social do arquiteto, teve seus direitos políticos cassados em 1969, quando foi afastado do magistério na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP), o que não o impediu, contudo, de construir, no mesmo ano, o Pavilhão Brasileiro da Feira Internacional de Osaka, Japão, juntamente com Flávio Motta, Júlio Katinsky e Ruy Ohtake.

Em 1980, Paulo Mendes da Rocha retomou o magistério na FAU/USP, onde se aposentou, em 1998, como professor titular de projeto arquitetônico. É autor de projetos polêmicos, como o do Museu Brasileiro da Escultura e o do pórtico localizado na Praça do Patriarca, ambos em São Paulo.

Para os curadores da mostra, Paulo Mendes da Rocha é "muitas vezes qualificado como arquiteto brutalista pelo uso radical de materiais brutos, mas o impacto social da arquitetura e sua relação com o território constituem também traços essenciais de sua obra".

A exposição reuniu croquis, plantas, imagens, maquetes e textos de 16 projetos, além de vídeo com uma entrevista do arquiteto, realizada em 2010.

Da construção do Ginásio do Clube Atlético Paulistano à transformação da Pinacoteca (...), uma exposição monográfica retraza o percurso desse arquiteto sempre ligado à dimensão social de sua arte.

L'Echo, p. 2, 12.11.2011

11.10.2011 a 15.01.2012
BOZAR
Bruxelas, Bélgica







Projetos apresentados:

- ▶ Ginásio do Clube Atlético Paulistano, São Paulo-SP, Brasil, 1958
- ▶ Casa Paulo Mendes da Rocha, São Paulo-SP, Brasil, 1964
- ▶ Pavilhão do Brasil em Osaka, Japão, 1969
- ▶ Estádio Serra Dourada, Goiânia-GO, Brasil, 1973
- ▶ Casa Catanduva, Catanduva-SP, Brasil, 1979
- ▶ Cidade do Tietê-SP, Brasil, 1980
- ▶ Casa Gerassi, São Paulo-SP, Brasil, 1988
- ▶ Museu Brasileiro de Escultura, São Paulo-SP, Brasil, 1988
- ▶ Baía de Vitória-ES, Brasil, 1993
- ▶ Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil, 1993
- ▶ Baía de Montevideú, Uruguay, 1998
- ▶ Boulevard dos Esportes, Paris, França, 2000
- ▶ Cais das Artes, Vitória-ES, Brasil, 2007/2008
- ▶ Instituto Tecnológico Vale, Belém-PA, Brasil, 2010
- ▶ Praça dos Museus, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil, em construção
- ▶ Museu dos Coches, Lisboa, Portugal, em construção



BRASÍLIA EM CONSTRUÇÃO

Entre o final da década de 1950 e o início dos anos 1960, os fotógrafos europeus Marcel Gautherot (Paris, 1910 - Rio de Janeiro, 1996), Peter Scheier (Glougau, 1908 - Airing, 1979) e Thomaz Farkas (Budapeste, 1924 - São Paulo, 2011) testemunharam a saga da construção de Brasília. Nesta exposição, suas obras, que integram o acervo do Instituto Moreira Salles, mostraram, a partir de diferentes ângulos, a monumentalidade e a utopia desse processo.

De Marcel Gautherot foram expostas fotografias de algumas das principais obras de Niemeyer na cidade, do canteiro de obras e do conjunto de moradias operárias, construídas em torno dele com sacos de cimento vazios: a Sacolândia. Da obra de Peter Scheier constaram os registros do Núcleo Bandeirante, área de habitação oficialmente criada, em 1957, ao redor do Plano Piloto.

O Núcleo Bandeirante e o canteiro de obras também foram fotografados por Thomaz Farkas, bem como as primeiras favelas formadas à volta do Plano Piloto. Para os curadores da mostra, uma das imagens mais emblemáticas de Farkas é aquela em que "mulheres e homens, alguns deles operários da construção civil, caminham sobre a laje do Congresso Nacional. A cena resume muitos dos objetivos políticos, não de todo alcançados, de Brasília: nela, a arquitetura moderna parece ser capaz de conciliar o Brasil desenvolvido com sua face rural e arcaica".

17.11.2011 a 15.01.2012

BIP

Bruxelas







Além do testemunho sobre a construção de Brasília e sobre as condições em que ela foi realizada, a exposição traz à luz as verdadeiras obras arquiteturais de Niemeyer que fizeram com que Brasília se tornasse, em 1978, Patrimônio Mundial da Humanidade.

Didier Béclar, *L'Echo*, 12.11.2011

BO BARDI



LINA BO BARDI

A exposição reuniu o material relativo a alguns dos mais importantes trabalhos de Lina Bo Bardi, produzidos particularmente na cidade de São Paulo, como o Museu de Arte de São Paulo (MASP), o SESC Pompeia e a Casa de Vidro. Esta última foi a primeira residência construída no bairro do Morumbi, num terreno de 7000 m², onde floresceram espécies vegetais raras, típicas da mata atlântica brasileira. Foi também nesta casa, hoje uma reserva tombada, que a arquiteta faleceu em 1992.

Maquetes dos projetos acima mencionados, desenhos, fotografias, modelos e textos da arquiteta, bem como cadeiras desenhadas por ela compuseram uma amostra da sua profícua produção, que incluiu artigos e ilustrações para revistas, desenhos de joias, roupas e móveis, projetos de exposições, cenários e teatros.

Para os curadores da mostra, "Lina Bo Bardi expressa o melhor do que a arquitetura brasileira produziu, não apenas com as obras-primas que construiu, mas também com sua contribuição para o espírito do país que ela escolheu chamar de sua morada", tendo promovido "um debate profundo entre o arcaico e o moderno, o erudito e o popular, conferindo uma dimensão ainda maior ao movimento da arquitetura moderna brasileira".

Achillina Bo nasceu em 1914, em Roma, onde se formou em arquitetura. Morou em Milão, onde trabalhou com o arquiteto Giò Ponti, diretor da Triennale di Milano e da revista *Domus*. Durante a II Guerra Mundial, Lina já possuía um escritório, mas a falta de trabalho levou-a a atuar como ilustradora e colaboradora de jornais e revistas. Em 1946, casou-se com Pietro Maria Bardi, cujo sobrenome adotou. Em seguida, o casal viajou para o Brasil e, no Rio de Janeiro, conheceram personalidades como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Rocha Miranda, Burle Marx e Assis Chateaubriand, de quem Pietro recebeu o convite para fundar e dirigir um museu de arte no país. Meses mais tarde, um projeto arquitetônico de Lina abrigou o MASP, o museu mais importante da América Latina. A arquiteta naturalizou-se brasileira em 1951: "Quando a gente nasce, não escolhe nada, nasce por acaso. Eu não nasci aqui, escolhi esse lugar para viver. Por isso, o Brasil é meu país duas vezes, é minha 'Pátria de Escolha', e eu me sinto cidadã de todas as cidades" (Lina Bo Bardi).

24.10.2011 a 05.02.2012
C-MINE CULTUURCENTRUM
Genk, Bélgica





Edifícios [projetados por Lina Bo Bardi], como o SESC Pompeia e o MASP serão apresentados sob a forma de desenhos e maquetes. Além de sua obra arquitetônica, a exposição exibirá seu trabalho de *designer*. Para os arquitetos do centro cultural C-mine, que acolhe a exposição, Lina Bo Bardi é mais do que uma simples fonte de inspiração, e sua influência na arquitetura é inegável.

Déco Idées, p. 22, 01.10.2011



Europalia.Brasil

Curadoria geral
Adriano de Aquino

Curadoria de artes cênicas
João Carlos Couto

Curadoria de artes visuais
Adriano de Aquino

Curadoria de música
Benjamim Taubkin

Curadoria de literatura
Flora Süssekind

Curadoria de cinema
Cinemateca Brasileira
Carlos Magalhães
Vivian Malusá

Equipe do Ministério da Cultura
Ana Carolina Morbach
Ana Júlia Fernandes
Bruno Melo
Eduardo Pareja Coelho
Igor Santana de Miranda
José Augusto de Alencar
José Henrique Martins
Maria Marangón
Martha Mouterde
Raihana Falleiros
Valéria Graziano

Associação Cultural da Funarte

Presidente
Tomás de Aquino Chaves de Melo

Coordenação geral
Marcia Eltz

Produção executiva
Bia Gross

Equipe
Alexandre Basilio
Anna Ladeira
Elisabeth Lopes
Isabela Lima
Marise Lopes
Priscila Malheiros
Rosana Pussenti
Tamara Ferreira
Victor Villas Boas

Equipe da Funarte
Ana Amélia Velloso
Liége Sebalhos
Maura Torres de Carvalho
Rodrigo Guimarães
Rogério Garcia da Silva
Singra de Abreu

Instituições associadas
Funarte – Fundação Nacional das Artes
Antonio Grassi

presidente

IBRAM – Instituto Brasileiro dos Museus
José do Nascimento Jr.

presidente

IPHAN – Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional
Luiz Fernando de Almeida

presidente

FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa
Wanderley Guilherme dos Santos

presidente

Cinemateca Brasileira
Carlos Wendel de Magalhães

diretor executivo

Europalia.International

Presidente
Georges Jacobs Hagen

Comissário geral
Pierre Alain de Smedt

Diretora executiva
Kristine de Mulder

Equipe do Europalia.International
Arnaud de Schaetzen
Bloeme Van Roemburg
Bozena Coignet
Céline Jacquet
Colette Delmontte
Diane Van Hauwaert
Dirk Vermaelen
Inge Vandensande
Marie-Ève Tesch
Marleen De Baets

Artes Visuais

Curadoria
Adriano de Aquino

Diretor assistente
Neno del Castillo

Relações institucionais
Manuela De Lorenzo

Consultoria de produção e programação
Amanda Bonan

Consultoria editorial
Lia Baron

| EXPOSIÇÕES |

► CLUB.BRASIL

Criação e concepção
Marcello Dantas

Curadoria
Anelise Pacheco

Produção e gestão do projeto
Magnetoscópio

Créditos Fotográficos

p.28 © Raihana Falleiros; p.29, Capoeira © Marisa Vianna; p.30 (acima) © Magnetoscópio, divulgação; p.30 (abaixo) © Bruno Melo; p.31, Grande Companhia Brasileira de Mysterios e Novidades © Marina França e Marília Felipe

► A RUA

Curador
Dieter Roelstraete

Produção e gestão do projeto
arte3

Créditos Fotográficos

p.32 a 35, © Mara De Sario, arquivo arte3, divulgação

► BRAZIL.BRASIL

Entre dois mundos: a Europa sonhada e a construção do imaginário brasileiro no séc. XIX

Curadoria
Julio Bandeira
Victor Burton

Assistente de curadoria
Claudia Heynemann

Primitivos de uma Nova Era

Curadoria
Ana Belluzzo

Assistentes de curadoria
Sergio Kipnis
Thais Rivitti

• Núcleo Volpi

Curadoria
Lorenzo Mammi

Coordenação geral de empréstimo de obras no Brasil
Expomus

Créditos Fotográficos

p.36, Anônimo, Mulher da Bahia, c.1850 © Museu Paulista, São Paulo; p.38 © Raihana Falleiros; p.39, Pedro Américo, Tiradentes esquartejado © Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora (MG); p.40, Urna funerária, c. 400-1400 D.C, cerâmica marajoara © Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro; p.41, © arquivo Expomus, divulgação

Acervo / Coleções

- Acervo Artístico Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo
- Acervo Instituto Moreira Salles: Coleção José Ramos Tinhorão; Coleção Olympio de Souza Andrade
- Biblioteca José e Guita Mindlin
- Biblioteca Mário de Andrade
- Biblioteca so Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo: Coleção José Feliciano Oliveira; Coleção Pierre Monbeig
- Centro Cultural São Paulo: Coleção de Arte da Cidade; Missão de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade
- Coleção Banco Safra
- Coleção Gilberto Chateaubriand, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
- Coleção de Artes Visuais/IEB-USP: Coleção Mário de Andrade
- Coleção Roberto Marinho
- Fundação Biblioteca Nacional
- Fundação Gilberto Freyre
- Fundação Museu Mariano Procópio
- Fundação Paulina e José Nemirowsky
- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- Instituto Victor Brecheret
- Ministério das Relações Exteriores-Itamaraty
- Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
- Museu de Arte Brasileira, Fundação Armando Álvares Penteado
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
- Museu de Arte Moderna de São Paulo
- Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea/ Prefeitura da Cidade do Rio
- Museu Carlos Costa Pinto
- Museu do Estado de Pernambuco
- Museu de Imagens do Inconsciente
- Museu Imperial
- Museu da Inconfidência
- Museu Lasar Segall
- Museu Nacional de Belas Artes
- Museu Nacional da Quinta da Boa Vista
- Museu Paraense Emílio Goeldi
- Museu Paulista da Universidade de São Paulo
- Museus Castro Maya

- Pinacoteca do Estado de São Paulo
- Pinakothke Cultural-Max Perlingeiro

► EXTREMOS – Fotografia no Brasil

Visões e reflexões tropicais: imagens do primeiro século da fotografia no Brasil – do Império à República. 1840-1940

Curadoria
Pedro Afonso Vasquez

Museologia
Cátia Louredo (MAM/RJ)

Fotografia no Brasil: núcleo Contemporâneo

Curadoria
Guy Veloso
Rosely Nakagawa

Produção e gestão do projeto
Base7 Projetos Culturais

Créditos Fotográficos

p.42, Marcel Gautherot, Guerreiros (Festa Popular), Maceió, c. 1943 © Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro; p.45 (lado esquerdo, alto), Christiano Junior, Homem com indumentária africana, província do Rio de Janeiro, c. 1865 © Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Seção Rio de Janeiro; p.45 (centro, alto), Christiano Junior, Mãe e filho com indumentária africana, província do Rio de Janeiro, c. 1865 © Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Seção Rio de Janeiro; p.45 (lado esquerdo, alto), Major Thomaz Reis, O futuro marechal Rondon em expedição na província de Mato Grosso, 1891 © Museu do Índio, Rio de Janeiro; p.45 (abaixo), © arquivo Base7 Projetos Culturais, divulgação; p.46 (acima), Augusto Malta, Vista tomada do Corcovado, mostrando a Baía da Guanabara, 1906, © Coleção Brascan - Cem Anos no Brasil, Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro; p.46 (abaixo), Guilherme Gaensly, Rua Quinze de Novembro, São Paulo, SP, c. 1925 © Coleção Brascan - Cem Anos no Brasil, Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro; p.47, © arquivo Base 7 Projetos Culturais, divulgação

Acervo / Coleções

- Biblioteca Nacional
- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- Instituto Moreira Salles
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
- Museu Histórico Nacional
- Museu do Índio
- Museu Imperial

► GRAVURA EXTREMA

Curadoria

Sergio Fingerhann

Produção e gestão do projeto arte3

Créditos Fotográficos

p.48 a 51, © Bruno Melo

Coleções

- Fundação Biblioteca Nacional
- Museu de Arte Moderna de São Paulo
- Museu Nacional de Belas Artes
- Museu Lasar Segall
- Pinacoteca do Estado de São Paulo

► ART IN BRAZIL

Vontade Construtiva

Curadoria

Ronaldo Brito

Vanda Klabin

- Núcleo Mira Schendel

Curadoria

Cauê Alves

- Núcleo Franz Weissmann

Curadoria

Marcus Lontra

- Núcleo Milton Dacosta

Curadoria

Alexandre Dacosta

Anos 1960-80

Curadoria

Guilherme Bueno

- Núcleo Ione Saldanha

Curadoria

Luiz Camillo Osório

- Núcleo Loio-Pérsio

Curadoria

Luiz Eduardo Meira de Vasconcelos

Construção e Desconstrução na Arte Brasileira (Anos 1990-2000)

Curadoria

Sonia Salcedo

Assistente de curadoria

Márcia Waitz

Consultoras

Renata Motta

Marília Panitz

Coordenação geral de empréstimo de obras no Brasil

Expomus

Créditos Fotográficos

p.52, Marcelo Solá, Sem título, 2010

© Cristiano Borges; p.54, Milton Dacosta, Construção sobre fundo negro, 1958

© arquivo Expomus, divulgação; p.56, Franz Weissmann © arquivo Expomus, divulgação;

p.58, Ione Saldanha © arquivo Expomus, divulgação; p.59, Henrique Oliveira, Sem título, 2011 © arquivo Expomus, divulgação

Acervo / Coleções

- Fundação Iberê Camargo
- Fundação Oscar Niemeyer
- Galeria Fortes Vilaça
- Galeria Millan
- Galeria Nara Roesler
- Galeria Raquel Arnaud
- Instituto Franz Weissmann
- Instituto Rubens Gerchman
- Luciana Brito Galeria
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
- Museu de Arte Moderna de São Paulo
- Pinacoteca do Estado de São Paulo
- Projeto Hélio Oiticica
- Projeto Lygia Pape

► ÍNDIOS NO BRASIL

Curadoria

Lucia Hussak Van Velthem

Gustaaf Verswijver

Curadoria adjunta

Thiago Oliveira

Produção e gestão do projeto arte3

Créditos Fotográficos

p.60, cocar de plumas "krā imrô jakati"

© R- Asselberghs, KMMA Tervuren; p.62 (acima), Aldeia Mapuera, © Mário Vilela, FUNAI; p.62 (abaixo), Aldeia Watoriki

© Mario Vilela, FUNAI; p.63 (esquerda acima) © Raihana Falleiros; p.63 (esquerda abaixo)

© Bruno Melo; p.63 (direita acima) © Hugo Maertens, MAS Etnografische verzamelingen;

p.63 (direita abaixo), colar indígena

© Cesar Barreto, Museu do Índio

Acervo / Coleções

- Centro Cultural Ikuaiapá-FUNAI
- Memorial dos Povos Indígenas-GDF
- Museu de Arqueologia e Etnologia/ Universidade de São Paulo
- Museu do Índio-FUNAI
- Museu Paraense Emilio Goeldi-MCTI
- Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro

► TERRA BRASILIS

Curadoria

Valéria Piccoli

Coordenação geral de empréstimo de obras no Brasil

Expomus

Créditos Fotográficos

p.64, Jovem com cocar de pluma da Amazônia, sec. XVII © Jaap Polak, Amsterdam; p.66 © Raihana Falleiros; p.67 (esquerda acima), Von Martius, Palmeira Nativa © V. Everarts, National Botanic Garden of Belgium Collections; p.67 (direita acima e abaixo) © Raihana Falleiros

Acervo / Coleções

- Acervo Sociedade Rural Brasileira
- Biblioteca Mário de Andrade
- Coleção Anna Helena Americano
- Coleção Anna Helena Americano e Aluizio Rebello de Araújo
- Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo
- Coleção Carlos Martins
- Coleção Família José da Conceição
- Coleção Fernão Botelho Brache
- Coleção Sérgio e Hecilda Fadel
- Fundação Biblioteca Nacional
- Fundação Estudar
- Fundação Maria Luisa e Oscar Americano
- Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo
- Instituto Ricardo Brennand
- Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
- Museu de Artes e Ofícios
- Museu Carlos Costa Pinto
- Museu da Inconfidência
- Museu do Estado de Pernambuco
- Museu do Oratório-Instituto Cultural Flávio Gutierrez
- Museu Histórico Nacional
- Museu Imperial
- Museu Nacional de Belas Artes
- Museu Paraense Emilio Goeldi

- Museu Paulista da Universidade de São Paulo
- Museu Castro Maya
- Pinacoteca do Estado de São Paulo

► BISPO DO ROSÁRIO

Curadoria
Wilson Lázaro de Almeida

Curadoria adjunta
Jocelino Pessoa

Produção e gestão do projeto
arte3

Créditos Fotográficos

p.68, Arthur Bispo do Rosário, Barco vinte e um veleiros © Rodrigo Lopes; p.70 © Bruno Melo; p.71 (direita acima), Arthur Bispo do Rosário, Caixa dos escolhidos © Rodrigo Lopes; p.71 (abaixo), Arthur Bispo do Rosário, Cama Romeu e Julieta © Rodrigo Lopes

► COPACABANA – Panoramas do Rio

Curadoria
Cláudia Fares

Curadoria adjunta e museografia
Lídia Kosovski

Execução do diorama
Flávio Papi

Direção do vídeo
Jair de Souza

Projeto de sonorização
Magno Caliman

Projeto gráfico
Marina Kosovski

Produção e gestão do projeto
Automática

Créditos Fotográficos

p.72, imagem do painel: José Medeiros, Mulheres na Praia de Ipanema, com a Pedra da Gávea ao fundo, c. 1955 © Coleção Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro; p.74, © arquivo Automática, divulgação; p.75 (à esquerda, fundo), Marcel Gautherot, Bloco Filhos de Gandhi, c. 1960 © Coleção Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro; (à direita) Pierre Verger, Carnaval, Rio de Janeiro © Fundação Pierre Verger, Salvador

Acervo / Coleções

- Fundação Biblioteca Nacional
- Fundação Pierre Verger
- G. Ermakoff Casa Editorial

- Instituto Moreira Salles
- Museu Nacional de Belas Artes

► PÉROLAS DA LIBERDADE: Joalheria afro-brasileira

Curadoria
Roberto Conduru

Coordenação geral de empréstimo de obras no Brasil
Expomus

Créditos Fotográficos

p.76, Ayrson Heráclito, Barrueco, 2005 © Ayrson Heráclito; p.77, Balangandãs © Museu de Folclore Edison Carneiro; p.78, Joias africanas © Saulo Kainuma, Museu Carlos Costa Pinto; p.79, Joias africanas © Saulo Kainuma, Museu Carlos Costa Pinto

Acervo / Coleções

- Coleção particular Silvia Soares do Amaral de Souza Aranha
- Museu Carlos Costa Pinto
- Museu Histórico Nacional

► INCORPORAÇÕES

Curadoria
Roberto Conduru

Produção e gestão do projeto
Base7 Projetos Culturais

Créditos Fotográficos

p.80, Ayrson Heráclito, Oxossi © Ayrson Heráclito; p.82 (esquerda acima) © Marcelo Dantas; p.82 (abaixo) © arquivo Base7 Projetos Culturais; p.83 (cima) © arquivo Base7 Projetos Culturais; p.83 (abaixo), Alexandre Vogler, Fé em Deus – Fé no Diabo, 001 © Alexandre Vogler

► DESIGN CONTEMPORÂNEO – Alegria

Curadoria
Túlio Mariane

Assistente de curadoria
Bernardo Senna

Produção e gestão do projeto
Automática

Créditos Fotográficos

p.86, Leonardo Lattavo, Cadeira Vidigal, Data 2010 © arquivo Automática, divulgação; p.88 (abaixo, à esquerda), Suzanne Reboh,

Saleiros João de Barro, 2010; à direita: Maria Oiticica, Gargantilha fio de buriti com flauta, 2011 © arquivo Automática, divulgação; p.89 (no alto, à esquerda), Luiz Pedrazzi, Luminária Lego, 2001; (à direita) Chico Bicalho, Brinquedos de corda, 1992; (abaixo, em primeiro plano) Fernando Mendes de Almeida, Roberto Hirth, Poltrona Santos Dumont, 2006 © arquivo Automática, divulgação

► PAULO MENDES DA ROCHA

Curadoria
Alfredo Brito
Iwan Strauven

Curadoria adjunta
Pedro Évora

Produção e gestão do projeto
arte3

Créditos Fotográficos

p.90, © Museu Brasileiro da Escultura; p.92, Ginásio do Clube Atlético Paulistano © José Moscardi; p.93, Ginásio do Clube Atlético Paulistano © José Moscardi

► BRASÍLIA EM CONSTRUÇÃO

Curadoria
Alfredo Britto
Heloisa Espada
Pedro Évora

Museografia
Pedro Évora

Produção e gestão do projeto
Automática

Créditos Fotográficos

p.94 (ao fundo) Peter Scheier, Área comercial da avenida W3, 1960 © Acervo Instituto Moreira Salles; p.96 (cima, em primeiro plano) Marcel Gautherot, Palácio do Itamaraty, com palácio do Congresso Nacional ao fundo, c. 1970 © Acervo Instituto Moreira Salles; p.97 (à esquerda, cima) Marcel Gautherot, Cúpula da Câmara dos Deputados em construção, c. 1958; (abaixo) Marcel Gautherot, Catedral Metropolitana em construção, com a Esplanada dos Ministérios ao fundo, c. 1960; (à direita, cima e abaixo) Marcel Gautherot, Trabalhadores no palácio do Congresso Nacional em construção, c. 1958 © Acervo Instituto Moreira Salles

Acervo / Coleções

- Instituto Moreira Salles

► LINA BO BARDI

Curadoria

Alfredo Britto

Curadoria adjunta

Pedro Évora e Tulio Mariante

Produção e gestão do projeto

Automática

Créditos Fotográficos

p.98, © arquivo Automática, divulgação; p.100 (abaixo) Lina Bo Bardi, Cadeira tripé em ferro, 1951 © arquivo Automática, divulgação; p.101 (abaixo, à direita) Lina Bo Bardi (colaboradores: André Vainer e Marcelo Ferraz), Cadeira girafa, 1987 © arquivo Automática, divulgação

Acervo

• Instituto Lina Bo e P.M. Bardi

| PRODUTORAS |

arte3

Direção de produção executiva

Ana Helena Curti

Produção executiva

Angela Magdalena

Rodrigo Curti

Produção

Ana Francisca Barros

Daniele Carvalho

Haroldo Alves

Lee Dawkins

Lira Yuri

Mariana Chaves

Nathalia Ungarelli

Paula Garcia

Museologia

Ana Carolina Glueck

Angela Freitas

Denyse L. A. P. da Motta

José Carlos Glueck

José Roberto Furquim

Regina Osório

Automática

Coordenação de produção

Luiza Mello

Produção

Mariana Mello

Gestão do projeto

Marisa Mello

Administração do projeto e prestação de contas

Carolina Lima

Marcílio Feitosa

Base7 Projetos Culturais

Produção e gestão do projeto

Arnaldo Spindel

Maria Eugênia Saturni

Ricardo Ribenboim

Gerência de planejamento

Carmen Maria de Sousa

Gerência de projetos

Renata Viellas Rödel

Coordenação administrativa

Thais Coturri

Coordenação de produção

Daniela Coelho

Produção executiva

Ana Letícia Fialho

Expomus

Coordenação geral

Maria Ignez Mantovani Franco

Roberta Saraiva Coutinho

Assistência de coordenação

Lia Ana Trzmielina

Coordenação administrativa e financeira

Lucila Losito Mantovani

Ana Maria Barcellos de Lima

Coordenação executiva

Patrícia Prado Betti Queiroz

Assistência executiva

Helena Leopardi

Lilian Fraiji

Magnetoscópio

Produção executiva

Adriana Salomão

Arquitetura

Álvaro Razuk

Isabella Gerbara

Direção de arte

Adriana Daud

Edição e finalização do vídeo

Leandro Lima

Pesquisa de imagem

Ana Bartolo

Produção

Sérgio Santos

cenotécnico

Aldo Dellore

Catálogo

Coordenação geral

Kathryn Valdrighi

Organização e edição de textos

Cláudia Fares

Texto sobre Europalia

Anabela Paiva

Revisão

Malu Resende

Projeto gráfico

Andréia Resende

Aline Paiva

Assistente

Clarice Pamplona

Tratamento de imagem

Leonardo Costa

Produção gráfica

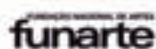
Sidnei Balbino

Créditos fotográficos

Páginas iniciais: p.4 (acima), Marcia X © Miguel Pachá; p.4 (abaixo), obra de Bispo do Rosário © Bruno Melo; p.12, Club.Brasil © Raihana Falleiros; p.17, Europalia.Brasil Press Conference 21.06.2011 [http://www.flickr.com/photos/europalia/with/5877432016/#photo_5877432016]; p.18 (acima), Club.Brasil © Marcelo Dantas; p.18 (abaixo), © Raihana Falleiros; p.19, abertura do Europalia.Brasil, arquivo Funarte; p.25, exposição *Of Gold and Feathers* © NBB-BNB Nationale Bank van Belgie-Banque nationale de Belgique [http://www.flickr.com/photos/nationalbankofbelgium/6673198331]



Parceiros



Ambassade du
Brésil à Bruxelles



Ministério das
Relações Exteriores



Patrocinadores Prata

ambev



BNDES



Patrocinadores Ouro



Tractebel Energia
GDF SUEZ

Patrocinador Diamante



Realização



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

 international arts festival **europalia.brasil** 04.10.2011 ▶ 15.01.2012

Este livro foi impresso na Gráfica Pancrom,
em setembro de 2012.



Realização



Ministério da
Cultura

